

Diário de Lisboa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, administração e oficinas

RUA LUZ SORIANO, 48

Impressão: Rua do Mundo, 116

EM Madrid esta noite ninguém ficará sem ceia. Resolveram que nos quarteis da policia se fornecesse comer a toda a gente que apparecesse. Eis uma ideia generosa, mas confrangedora.

Ter a gente que se lembrar que há creaturas que apenas uma vez no ano têm direito a deitarem-se sem levarem a fome para o seu sono resignado de parias!

UMA peça de declamação ontem representada em Lisboa parece que recebeu um exito negativo. Há pessoas que parece regosijarem-se com isso. Não achamos digno, mórmente numa epoca em que um mau olhar sombrio parece ter caído sobre todos os esforços feitos em Portugal para dar á Vida mais um pouco de beleza.

OS milhares de contos que o Estado é forçado a gastar em subvenções aos funcionários públicos, eram mais que bastantes para que a seu tempo se tivesse travado o encarecimento da vida, promovendo-se obras de fomento indispensáveis ao nosso ressurgimento.

DA leitura das *Aves* de Aristophanes depreende-se que o guarda-chuva foi inventado por Promethêo, a fim de se esconder de Jupiter, pai dos deuses e seu inimigo. Havia quem dissesse que era uma invenção de certas lojas modernissimas que os vendem por tão alto preço que, debaixo dêles, vive uma fortuna.

PUBLICAREMOS, na próxima segunda-feira, uma carta sobre assuntos de emigração que nos enviou o sr. consul geral do Brasil.

O número do *Natal* que *O Seculo* publicará amanhã constitue o maior progresso gráfico do jornalismo nacional, não sendo frequente, lá fora, fazer-se melhor. *Suum cuique.*

POR despacho do sr. ministro do Interior, o *Diário do Governo* publica uma comunicação do nosso Consulado em Boston, Estados Unidos, declarando proibida a entrada de emigrantes portugueses até junho de 1922, com algumas excepções.

JÁ obteve a aprovação do sr. ministro do Trabalho—portaria n.º 3:012—o projecto de regulamento da Caixa de Aposentações da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

CONSTA-NOS que as instrucções que o sr. Ayres d'Ornelas recebeu de D. Manuel de Bragança recomendava aos monarchicos que se mantenham, como já lhes significara em tempos, no terreno estrito das lutas legais.

SE o manifesto do governo ao pais fôr realmente redigido pelo sr. ministro dos Estrangeiros é de crêr que seja uma bela peça literaria—coisa rara em documentos officiaes.

DIFERENÇAS de latitude:
—O ministro das obras publicas da França, o sr. Ives Le Trocquer, occupa-se já da redução das tarifas ferro-viarias, no transporte das mercadorias.

Entre nós, diz-se que estas vão ser aumentadas, visto que as companhias assim o reclamam.

A noite do Natal

Acalmem-se as paixões que tão cegamente sacrificam ao prazer de destruir as tradições e glorias sagradas de Portugal. Cessem as discussões que muitas tempestades vêm provocando na alma dum povo que quer ser feliz, embora busque a felicidade fóra dos caminhos luminosos, pisados por nossos pais e avós.

Tantas lutas nos têm lançado uns contra os outros que um profundo cansaço nos domina já. Deixemos em sossego a Cidade que os cidadãos transformaram numa presa de conquista e evoquemos memorias de outras eras, para que nos sintamos, ao menos momentaneamente, em paz fraterna.

Muitos dias tem o ano e, dentro de cada um deles, o genio do homem, sofrendo, amando, criando ou destruindo, achará espaço mais que suficiente, para ser grande, no bem ou no mal. Agora repousemos, sob o olhar infantil de Jesus, no seu berço humilde. Os povos necessitam, de vez em quando, de suavizar-se, numa atmosfera de milagre.

Os cuidados e as penas mortificam-nos, cavando no nosso rosto aquelas rugas implacaveis que denunciam a vitoria insensível dos momentos sobre as nossas ambições, que se

julgam eternas. Esqueçamos os venenos que eles destilam.

A viagem—a nossa peregrinação terrena de descobridores de miragens e quimeras—é longa e dura. Para não cairmos no deserto, sem uma esperança, enchamos o nosso coração com a alegria que os doces affectos familiares ainda podem haurir da comunhão intima, em torno da mesma mesa.

Jesus deu a sua vida á humanidade. Aproximemo-nos dele, com a confiança de quem quer saciar-se de amor. A familia é o maior facto do humano sentimento: a ela nos acolhemos, após as longas ausencias e após os desvios que a nossa mente faz, para além dos horizontes da nossa infancia.

Nesta luminosa noite do Natal, em que as estrelas se fazem guias dos nossos sonhos pastoris, sejamos portugueses, na limpidez da nossa fé heroica e cristã.

Nem odios nem vinganças.

Nem ameaças nem maldições.

O tempo é da cor dos nossos desejos. Façamos destes a chama duma lampada de perene brilho e illumemos esta noite com um tal fulgor que ela fique para sempre nos nossos olhos, sonhando, cantando...

O PRATO DO DIA



(Desenho de Jorge Barradas)

—Emfim, vamos ter ordem, vamos ter sossego.
—Não faça caso. Isso são boatos...

A UNICA coisa séria de existencia é hoje as bonecas, os palhaços, os comboios—os mil palacios encantados de que estão cheias as montras onde se perdem os olhos das crianças. Mas só das crianças? Quem duvidará de que para a grande parte da Humanidade crescida a alegria de dar não é muito superior á alegria infantil de receber e destruir? E algum de vós, dando um brinquedo a uma criança que nos seja querida—é uma dadiwa que faz? Não será antes... uma alegria que restitue?

OSR. Raul Monteiro Guimarães, posto que desligado já do partido liberal, continúa a sustentar que as classes conservadoras não devem alhear-se da politica nacional.

Entende, porém, que as organizações partidárias necessitam remodelar-se.

Este testemunho dum homem que as desilusões pronto surpreenderam significa que a nossa politica ou se renova ou nos mata.

ALGUNS leitores do *Diário de Lisboa*, que frequentam a linha de Cascais, queixam-se de que o comboio rapido seja deficiente para acomodar convenientemente todos os passageiros, tendo muitos deles que viajar de pé, expostos ao vento, ao frio e ás vezes á chuva.

Não se admite que uma linha que deve ser um incitamento aos progressos do turismo dê tal exemplo, despresando as simples comodidades do publico.

TRABALHA-SE para que não seja adiado o acto eleitoral. Com efeito, um novo adiamento daria a impressão de que o parlamento e a ditadura andam a jogar «às escondidas».

OSr. ministro do Comercio nomeou director dos caminhos de ferro do Minho e Douro o engenheiro sr. Plinio Silva, depurado do parlamento dissolvido e um activo e inteligente elemento de trabalho.

O *Diário de Lisboa* publica hoje:
2.ª pagina—Comentarios de Norberto de Araujo á peça *Frei Satanaz*, ontem representada.

3.ª pagina—Versos de Mario Beirão.

4.ª pagina—«O Natal da minha terra», por Norberto Lopes.

5.ª pagina—Uma carta do Senhor D. Miguel I a uma filha natural, anotada por Franco Monteiro.

6.ª pagina—Carta de Leal da Camara sobre o Comicio do Terrasse.

7.ª pagina—«Reflexões intimas», por Norberto de Araujo.

8.ª pagina—Entrevista com D. Lucilia Simões.

9.ª pagina—«O amor e a aventura». Reportagem ácerca da prisão dos gatunos no Avenida Palace.

10.ª e 11.ª paginas—Entrevista com o capitão dr. Oliveira Santos sobre Angola.

12.ª pagina—Versos de D. Maria de Carvalho e de Cardoso Martha.

13.ª pagina—«Figuras da minha fantasia», por Artur Portela.

14.ª e 15.ª paginas—Provincia e estrangeiro.

16.ª pagina—A politica do dia e o feliz Heitor a quem saiu a sorte grande.

Mundanismo

Em viagem

Para a Figueira da roza, onde vão passar o Natal, parte amanhã com sua esposa a senhora D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo e seus geais filhinhos, o sr. dr. Antonio de Azevedo.

Vindo das suas propriedades no Algarve encontra-se em Lisboa o sr. conde de Silves.

Partiram ontem para Biscaia os srs. José Barbosa Junior, gerente da Guiné Commercial, acompanhado dos seus irmãos Leonel Barbosa e Antonio Barbosa, e Paulo José Pereira Guimarães.

Aniversários

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Cecília Vanzeler de Castro Pereira, D. Carlota de Serpa Pinto Santos Moreira, D. Lucrecia Julia de Castro Ferreira da Silva Brito (Ermita), D. Berta Augusta Viana de Lemos Peixoto, D. Maria Natalia Diogo da Silva dos Reis Torres, D. Maria Natalia de Vasconcelos Pereira Coutinho Seabra de Lacerda e D. Natalia Fernandes.

E os srs.:

Conselheiro Moreira Junior, D. Luis de Castro (Rezende), D. Manuel Francisco de Saldanha da Gama, José de Magalhães e Menezes Vilas-Boas, Manuel Monteiro de Andrade e Sousa, Mario Faria de Melo Ferreira Duarte e José dos Santos Lima.

Joaquim Leitão

Regressou do norte o nosso brilhante colaborador sr. Joaquim Leitão.

THEATRO SÃO LUIZ

EMPRESA A. RAMOS, LIMITADA

Concertos BLANCH

Domingo, 25—Matinée às 3 horas da tarde

5.º concerto de assignatura da

ORCHESTRA SYMFONICA PORTUGUEZA

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH

O mais extraordinário programma—Tar-

de de arte

1.ª PARTE

I—PEER GYNT, suite n.º 1. Grieg

a) Le Matin

b) La Mort d'Åse

c) Danse d'Anitra

d) Dans la halle du roi de Montagne

2.ª PARTE

II—SYMFONIA em mi menor, 1.ª audição. Rachmaninoff

a) Largo—Allegro moderato

b) Allegro molto

c) Adagio

d) Allegro vivace

É a primeira vez que em Portugal se executa

uma obra symfonica d'este celebre compositor russo

3.ª PARTE

III—Crepúsculo dos Deuses—Cortejo fune-

bre a morte de Siegfried, WAGNER

IV—A Walkyria—Cavalgada das Walky-

rias, WAGNER

A orchestra é aumentada confor-

me as exigências das partituras

Sapataria Contente, L.ª

THE ATLAS SHOE

Deseja muito boas festas aos seus amigos

RUA DO CARMO, 74

NUCLEOCALCINA



TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO

Superior aos similares estrangeiros e nacionais

Usado pessoalmente pelos

nostros primeiros médicos

CURA A

Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite

Farmacia Formosinho

13—Praça dos Restauradores—13

Pinto & Duarte, L.ª

Vestidos tailleur—Robes et Man-

teaux—ULTIMOS MODELOS—

Fatinhos para crianças

A unica casa que tem o melhor artista no genero

145—Rua do Ouro—149

Loja e 1.º andar—Telef. C. 4141

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

A peça "Frei Satanaz"

em três actos de Sousa Costa

subiu á scena ontem no Teatro Nacional

Comentarios de Norberto de Araujo

O sr. dr. Sousa Costa é no nosso meio literario o que cada um dos leitores quizer que seja, mas é, indiscutivelmente, um autor com uma obra, para muitos obra mediocre de um fecundo fabricante de literatura, e até, para raros, uma obra notavel de uma grande individualidade intelectual. Para nós, jornalista que não é obrigado a ter cortezias que se fecham em contumelias, o dr. Sousa Costa é um trabalhador de letras respeitavel. Só esta qualidade «respeitavel», numa terra onde o trabalho intelectual e a profissão de escrever são vistos como cousas de somenos, nos obriga a abdicar do nosso direito de critica intensa e a pôr, com uma maior serenidade incompativel com as circunstancias, esta definição da peça de ontem: é uma tristeza. Garantimos ao publico que é o menos que se pode escrever.

Frei Satanaz tem direito a critica. Mas é preferivel não a fazer. Comentemos apenas. São três actos maus, feios, inferiores, desleigantes de espirito e improprios do teatro Nacional. Com sinceridade—chegam a ser improprios do sr. Sousa Costa. Estas coisas escrevem-se confrangidamente. Uma estreia teatral de autor dramatico? Nunca. Não se estreia, como estreante, um escritor com os anos e a relativa responsabilidade, com tantas afinidades academicas, do sr. Sousa Costa. Não é um novo; não é um profetico, não é um tateante. Tinha obrigação, pelo menos, de ter equilibrio, de ter um sentimento da sua propria responsabilidade. Uma obrigação de evitar a Arte portugueza e a literatura do nosso tempo—o tempo onde nós escrevemos, e todos nós vivemos em camaradagem mais ou menos proxima—o espectáculo degradante, comico, rasteiro, de vêr uma plateia obrigada a rir de frases equivocadas, sem o equivoco sequer do realismo, e a esconder o rosto para não se tornar reparado rir ás gargalhadas. O enxovalho foi para o autor, para os actores, para o commissario do governo, mas foi tambem para o publico. É triste; foi tudo muito triste e não falemos sequer do que é a peça, porque não é coisa facilmente explicavel. Talvez o sr. Sousa Costa tivesse querido pôr um artigo de fundo em *Frei Satanaz*. Talvez, mas não temos a certeza.

O desempenho foi pessimo. Mau, seria

favor.—O leitor pode ficar certo que tudo isto que escrevemos está sendo atenuado.—O desempenho foi inferior. Porquê? Porque, em principal razão, a peça por si não ajuda nada. D. Palmira Torres está mal hoje para teatro forte; a sua vibração é artificial, esticada, romantica, de palco Simões Carneiro. Que pena escrever isto de uma senhora! Mas se é assim! Se está mal para o teatro forte imagine-se como é que, apesar dos seus recursos e boa vontade, ela podia vencer um papel que salta do inverosimil ao tragico, sem sequencia, gradação, lisura de maneiras? Ouvimo-la com aprumo apenas em duas scenas curtas do segundo acto, e no fecho dramatico da *pochade*. O sr. Eduardo Brazão—mas para que meteram o actor Brazão nesta farça?—o velho e gloriosissimo artista marcou com infelicidade. Lutou. Nem sabia o papel—o que é vulgar na casa de Garrett. Os restantes, em regra, mal. O sr. Joaquim Costa—fez revista. O sr. Rafael Marques, o mais equilibrado de todos, não venceu tambem, apesar dos seus incontestaveis recursos de actor.

Pergunto: Ha o direito de fazer isto, representar desta maneira, expôr a este fracasso o teatro Nacional, os artistas, o proprio publico que gosta de ver boa arte, de bom teatro, de regular teatro abrigados, no Nacional, antigo D. Maria? Pode isto continuar? Tem algum autor, novo ou já feito, a garantia de que não lhe comprometem amanhã uma sua obra, com este ambiente que se cria todos os dias? Então não houve quem visse previamente que *Frei Satanaz* recomendado pela Academia de Sciencias, e exactamente por isso, era uma peça errada, pobre, sem arte, sem elevação, sem literatura sequer, sr. dr. Sousa Costa?

Armo que não queria escrever a terça parte. Mas está escrito. Se a peça fôr hoje, peço ao publico—só ao publico da nossa geração literaria que é a unica que vai estando de pé—que vá lá, ao teatro Nacional, e que diga depois se ha o direito ou não há de acabar com maçonarias literarias que nos governam e de pôr quem deve—e queira—no caminho de novas e saudaveis tentativas dramaticas.

Norberto de Araujo

O MELHOR BRINDE DO NATAL

A venda na
SAPATARIA CONTENTE
PREÇO ESPECIAL
DE FIM DE ANO!

RUA DO CARMO, 74

Magazine

O modelo

Num jantar dado em Paris já nos não lembra em honra de que notabilidade, encontravam-se o maior advogado de França, Moro-Giafferi, e o grande actor Firmin Gémier.

Durante a refeição, dizendo que tinha uma urgente comunicação a fazer a René Blun, Gémier mudou de logar e veio sentar-se junto deste, mesmo defronte de Moro-Giafferi.

Mas ninguém se iludiu com a comunicação importante do comico francês; Moro-Giafferi sentia-se observado dos bicos dos pés ás pontas dos cabelos, e até á raiz da alma.

Gémier não se esquece de que tem de representar brevemente no Cigale, um papel de grande advogado. E então, foi aproveitando o modelo esplendido que a sorte lhe depa-rava.

O voto ás mulheres

Antes das ultimas férias parlamentares, os partidarios do voto feminino anunciaram que elas seriam aproveitadas numa activa propaganda, a fim de que no proximo ano lhes fosse concedido o sufragio universal.

Essa propaganda, se se fez como é natural que se fizesse, não teve um eco retumbante nas gazetas. Mas a aquisição desse direito continúa o seu caminho; segundo as noticias que acabamos de lêr, há muito menos opposição agora do que no fim da ultima temporada legislativa, e pensa-se em conceder á mulher francesa o direito de votar nas eleições municipaes.

O sr. Ristoir, encarregado de fazer o relatório sobre o voto das mulheres, pela 4.ª comissão do conselho geral, emitiu sobre ele varias opiniões interessantes, que revelam a forma como encara o direito da mulher.

O homem e a mulher não podem discutir se sob o ponto de vista de igualdade, mas de equivalencia, porque são creaturas diferentes.

Não se pode pedir ao vermelho que seja igual ao azul; mas as duas cores podem unir-se para produzir varios efeitos.

E Ristoir, que é um defensor acerrimo do sufragio feminino, fala assim acerca da maternidade, o obstáculo de maior peso que muitos lhe opõem:

«A mulher deve dominar-nos pelo peso da criação. Os filhos dão-lhe uma patente superior á nossa. É esse o seu mérito supremo. A equivalencia não necessita de outra demonstração».

Mantero & Mendonça, Lt.ª

OFICINAS DE MECANICA, de

carrosseries e pintura para

AUTOMOVEIS E CAMIONS

Rua Marquês Sá da Bandeira, n.º 61

(Ao Campo Pequeno)

TELEFONE 2-545—N

HOJE HOJE VIAGEM A CHINA

AVENIDA
mais uma
vez

Mario Machado

Da Escola Dentaria de Paris

Doenças da boca e dentes

CHIADO, 74, 1.º—Tel. C. 4186

Preços de assinatura
do "Diario de Lisboa"

3 meses..... 9\$00

6 "..... 18\$00

12 "..... 36\$00

Para as colonias e estrangeira
acresce o porto do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48



VERSOS
— — —
O NATAL
POR
Mario Beirão

*Em torno da lareira,
Almas em comunhão,
O fumo da simbolica fogueira
Pairava numa extatica oração...
Natal! Natal de Christo!
Alongo o incerto olhar e ainda avisto
O anjo da Anunciação!*

*E, cantando, ajuntavam-se pastores,
Maltezes, vagabundos,
Fantasmas doutros mundos:
Das suas vozes irrompiam flores
A que paiz d'Além se dirigia
O clamoroso câro,
Perdido em altas nuvens de harmonia,
Brilhos de signos de ouro?*

*Como nas telas biblicas d'outrora,
Num fundo côr de brasas,
Surgia a esplandecer Nossa Senhora,
Cercada de azas!*

*O lume palpitava mais risonho
Memorias a avivar;
Os olhos arrasavam-se de sonho,
De místico luar...*

*Oh que fulgor de eterno amanhecer!
Inefável pureza!
E Christo renascia, de surpresa,
Em cada ser!*

MARIO BEIRÃO

(Desenho de Albert Jourdain)

HORA DE SAUDADE

Como é o Natal da minha terra

ORAÇÃO DE VESPERAS---DIA DE CONSOADA---MISSA DO GALO---A ADORAÇÃO DO MENINO JESUS

O PRESEPIO, OS REIS MAGOS, OS PASTORES

Vespera de Natal! Dia de consoada, noite da missa do galo, hora soleníssima em que o Menino Deus nasceu num estabulo da Gali-



do altar da Virgem, onde o Presépio deslumbrava os meus olhos meninos, e falava às queridas predileções da minha infância.

Quem pudera voltar ao tempo em que as tuas mãos velhinhas acariciavam os anéis do meu cabelo—do meu cabelo de menino Jesus que já sabia a tabuada de cór e lia num livro tal qual como o senhor doutor juiz!

Quem pudera tornar a vê-te e adormecer depois, tendo nos ouvidos a cantar a musica das tuas palavras, que me falavam de reis e de princesas e da historia das três maçãsinhas de ouro!

Toca, toca, ó meu pae,
Que meus irmãos me mataram,
Por t rê maçãsinhas de ouro,
E ao cabo não nas levaram.

Quem pudera!... Quem pudera, ó minha Avó! Dorme em paz!

Tocou agora o sino para a missa do galo, —tlan, tlan, tlan—tira-se a toalha da mesa, arrumam-se as pratas ao canto do armario e lá vão todos para a igreja, a patinhar sobre a neve que se estende como um divino lençol por montes e vales, fechando em brancura alvinente a linha do horizonte. Vê-se pelas portas entreabertas uma nesga de lareira e sente-se o crepitar das chamas, ouve-se a Canção do Fogo e uma ou outra nota alegre, porque a mocidade ri, a mocidade canta.

Tocou o sino pela segunda vez. Passam vultos de mulheres encapuchadas, rente à parede da igreja. O som claro do bronze perde-se na distancia e vae acordar o eco da serra, onde áquela hora não há uma ovelha, não há um pastor. Não se encontra alma viva pelo campo. Vieram todos para a missa do galo, todos. Um cão ladra n'alguuma cabana dis-

tante e dois namorados escoam-se na sombra, como se fôssem ladrões. Vai um ranger de portas pelas ruas estreitas da povoação; todos se aprestam para adorar o Menino no seu Presépio de Belem.

Tocou o sino pela terceira vez. Não tarda que o padre saia da sacristia, com a sua cazula toda doirada, aos ombros, para celebrar o santo sacrificio da missa. As luzes vestem a igreja de tintas alegres, que contrastam singularmente com o santissimo recolhimento da multidão dos fieis. Ha um Cristo de rosto macerado e duma expressão de olhar tão doce, tão casta, tão cristã, que a luz ao bater-lhe em cheio parece iluminar a propria imagem da Tristeza pregada numa cruz. E anima-se a figura do Nazareno, e os seus olhos dizem toda a saudade dos lagos azuis da Galiléa, e os seus labios pronunciam aquelas palavras de santa resignação, que os homens escutaram piedosamente, ao vê-lo tocado de beleza, nas suas peregrinações pelos campos, pelas aldeias, pelas cidades da Terra Santa.

E quando o padre lança numa benção o iter missa est, as vozes cristãs entoam em côro a adoração do Menino Deus:

Adorai o Menino,
Adorai-o agora,
Adorai o Menino
De Nossa Senhora.

... E a neve cáe, na doce quietação que anda á superficie da terra, na noite em que nasceu Jesus.

Natal da minha terra! Hora de saudade, hora nostalgica, em que o espelho da memoria reflecte, em toda a sua pureza, a imagem das minhas recordações de infancia. Eu qui-

zera voltar a ser menino, para ajoelhar em frente do Presépio, para rezar baixinho uma oração que eu já não sei rezar. Tenho frio,



leia e abriu pela primeira vez os olhos nostalgicos do ventre de sua Mãe.

Vespera de Natal! Dia em que os pastores descem da serra e veem todos adorar o Menino, na pequenina igreja da aldeia, onde o seu corpo bambino dorme nos braços de sua Mãe.

Vespera de Natal! Hora de Cristo, dia em que os pobres são ricos da graça do Senhor.

Vespera de Natal! Vespera de Natal! Dia em que veem de longe, pela neve dos caminhos, os filhas que andam distantes, por esse mundo de Cristo. Hora da ceia, hora bendita em que os homens perdoam todas as culpas e as lagrimas lavam todos os crimes. Estende-se a toalha alva de neve por sobre a mesa e ha uvas, ha nozes, ha figos, ha vinho que canta uma alegria paga.

Vespera de Natal! Minuto saudosissimo em que os nossos olhos se deslumbraram de uma luz divina que anda na terra á superficie das coisas. Minuto de beleza em que os teus olhos encontraram pela primeira vez os meus.

Vespera de Natal! Vespera do dia em que o Menino Deus acordou do sono letargico do ventre de sua Mãe. Vespera do dia em que os Reis Magos vieram adora-lo, pela calada da noite, á luz palida duma estrela—cicerone bendito da Anunciação do Senhor.

Vespera de Natal! Vespera de Natal! Sê bendita pelos seculos dos seculos. Amen!

Recordo agora o Natal aconchegado e simples da minha terra—um Natal para ricos e pobres, um Natal em que a alegria canta nos lares, um Natal em que a benção divina cobre toda a gente.

Dia de consoada, não fica um lugar vago á mesa do pobre. Enquanto o sino da igreja não dá o primeiro repique para a missa do galo—lá fora faz tanto frio!—aconchegam-se em tórno da lareira amos e criados e conversam todos e dizem do ano que vai mau e da colheita que foi peor que a dos outros anos. Respira-se uma alegria santa, uma ingenuidade cristã. Arde na lareira um tronco de castanho velho. Pende das lares uma candeia de azeite. Pela chaminé, de quando em quando, cai um farrapo de neve. Minha Avó vai passando as contas do rosario—ela que é tão velhinha que já nem á igreja pode ir. Recordo os versos de Junqueiro—p'ra completar cem anos só lhe falta um dia—e ponho-me a olhar os seus labios pergaminhados, onde perpassa o leve cicizar dum padre-nosso.

Santa velhinha, que hoje vives em mim numa saudade, quem pudera beijar-te ainda, como na hora distante em que os meus labios eram puros e a minha alma branca!

Quem pudera ajoelhar, a teu lado, ao pé



Os mais elegantes e saborosos brinde do Natal são evidentemente as caixas com bonbons da SIC

tenno em cima da alma toa a neve aos caminhos e a roupa não me aquece e o calor é tão pouco que a tinta quasi gela nos biços da pena.

Natal da minha terra! Hora de evocação, hora de nevrose, em que passam diante dos meus olhos, como um conto das mil e uma noites, todos os reis magos, todos os pastores, todas as princesas que foram a Belem adorar o Menino. Sinto-me só, no meio de tanta gente. Há uma alegria falsa, uma alegria postiza, uma alegria que é tristeza nos meus olhos nostalgicos da serra.

Natal da minha terra! A esta hora já as albeiras fumegam e pingam para o lume e perfumam a lareira dum delicioso perfume que mãos de fadas trouxeram. O sol morre no horizonte, sopra o vento de Espanha—o vento da Sanabria—o termometro desce a não sei quantos graus centigrados, mas há lume na lareira e vinho no pichel, há fumeiro a curar e pão cosido de vespera no forno da tia «Ingelca».

Natal da minha terra! Eu vejo a igreja a distancia, eu sinto os passos daquela velhinha que vai para a missa,—truc, truc, truc—eu ouço as vozes da noite, eu conheci agora aquela voz:

—Eh, Maria! Estás cada vez mais linda! E aquell'outra, cheia de frescura:

—Proveito dos teus olhos.

Natal da minha terra! Natal da minha terra! Eu já não posso ajoelhar, porque os meus joelhos andam maguados de ajoelhar pela vida fora. Eu já não posso rezar, porque os meus labios mentiam e Deus não aceita as preces mentirosas.

Natal da minha terra! Eu te abenção, por esta hora de felicidade espiritual em que a minha alma está contigo.

Natal dos bambinos! Natal dos labios rosados, pequeninos, que mal sorriram ainda para a Vida. O Natal é das crianças, porque o Filho do Homem era criança também. Mas quantas, quantas—bom Deus!—não trazem os seus pés nus, os seus dedos ao léo, a sua alma nua—nua de caricias, nua de alegria, nua de brinquedos!

Quantas bocas pequeninas que a esta hora pedem pão e o lume está apagado e em casa ha só tristeza e lagrimas e dor!

Valia a pena ter morrido numa cruz, para salvar a Humanidade, Senhor!?

Norberto Lopes

EPISTOLÁRIO

Uma carta do rei D. Miguel I

A UMA SUA FILHA BASTARDA DE
NOME MARIA DA ASSUMPÇÃOUMA NOTA DO ANTIGO JORNALISTA MIGUELISTA JOÃO FRANCO MONTEIRO
SOBRE A VIDA DA INFANTA E SOBRE UM DIÁLOGO COM
O VELHO E ARISTOCRÁTICO MARQUEZ DE PENALVA

O documento que o *Diário de Lisboa* hoje publica é notável porque mostra o carinho de um pai amoroso, duma alma terna, que, respeitando as obrigações inerentes ao seu grande nome e á sua posição política, não esquece o affecto de natureza paternal. Bastantes provas, aliás, dele deu depois, constituída a legítima família, pelo seu consorcio com a virtuosíssima e inteligentíssima Princeza Adelaide de Lowenstein, a nobre Rainha que tanto o amou, não esquecendo a sua memoria honrada, mesmo quando, abandonado o mundo, vestiu o habito de monja beneditina.

O carácter de Dom Miguel I, que continuou a ser idolo popular, não obstante a perda dum trono e dos seus proprios bens de fortuna, ainda hoje para muitos é desconhecido. Não serei eu que nestas columnas, onde sou hospede e tenho de respeitar as normas da mais absoluta imparcialidade e correcção, que virei fazer a sua apologia pura e simples. Faço-lhe justiça em consciência, e talvez ainda tenha ensejo de fazê-la, tambem, a alguns dos seus parentes vencedores, que a mereçam. Nunca lha regateei.

Trata-se duma carta intima do monarca proscrito — o segundo destronado da Casa de Bragança em Portugal — a uma menina sua filha, nascida nos seus tempos de solteiro, quando cingia na fronte magestosa a corôa lusitana.

Quem era essa infanta bastarda?

Chamava-se Dona Maria de Assunção e nasceu em Lisboa a 12 de março de 1831. Diz o sr. Alberto Pimentel que sua mãe fôra uma cortezá muito conhecida naquella epoca, no que discordo, atenta a preferencia paterna, que a legitimou e lhe deu o nome da irmã valida, a princeza senhora D. Maria de Assunção, penultima filha de D. João VI.

E' curioso reproduzir-se o texto cessa legitimação, que está na Torre do Tombo, por deposito particular de Albano da Silveira Pinto. Veja-se *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, Tomo I, artigo *Casa Real*. E' do teor seguinte:

«Podendo ser que Deus seja servido de me chamar a si, não tendo eu feito testamento, declaro que Dona Maria de Assunção é minha filha, e por tal a reconheço. Paço em Albano, aos 2 de Agosto de 1839 (firmado) El Rey M R.»

Já estava no exilio em Roma D. Miguel I e em Roma viveu e morreu celibatario a senhora Dona Maria de Assunção de Bragança, conforme ella assinava — *Dona* por extenso, á maneira real...

De Roma enviou o sr. marquês — visconde de Faria provas fotograficas da carta, datada de Londres, 12 de novembro de 1847, dando publicidade a uma dessas provas o já famoso epistolario do *Diário de Lisboa*, que ha tempo publicou tambem uma notavel carta do Imperador Dom Pedro, irmão do signatario do interessante documento de que nos occupamos.

Conheci em novembro de 1892 a senhora D. Maria d'Assumpção de Bragança, que estava hospedada na rua de S. Bento, em casa dum negociante de moveis, Belarmino Antunes Alves, casado com uma sobrinha de José Luis da Rocha, secretario particular e homem de confiança de Dom Miguel I, a quem entregara a criação desta filha.

A maneira como vim a saber da existencia e da estada em Lisboa da illegitima vergonte brigantina é interessante e põe em foco a individualidade distinctissima de dois dos mais autenticos fidalgos portugueses.

Numa linda tarde de outono, fui-me até á Junqueira, de visita ao ultimo Marquês de Penalva, uma figura que ainda não esqueceu pelo seu porte aristocratico, a sua graça insinuante, os seus ditos a proposito e uma distincção de maneiras, ainda reflexo dos serenins de Queluz. Velho amigo de meu pai e de meu avô, o Marquês estimava-me e procurava co-

LOPO DE CARVALHO, FILHO

Professor da Faculdade de Medicina de Coimbra
Doenças pulmonares

Consultas das 3 ás 6

CALÇADA DO CARMO, 3, 1.º (ao Rocio)

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Minha querida Filha,

Muito te agradeço a prova =

bens que me das do dia dos meus

annos, e tu poderas pensar

nas saudades que eu tenho no

se dia, pois bem sabes quant

eu te estimo e as provas de

amor que te tenho sempre

dado, e com especialidade na

ultima vez que te vi em

tes da minha vinda para

Londres, declarando-te que

tu eras minha Filha, e

julgandote com juizo e

prudencia para guar-

dars o segredo que a minha

e a tua posição propria

exigem.

E' minha saudade de

vado Deus hi boa, e dese-

jo que a tua continue a ser

como prede ao mesmo Senhor

este teu Pai que de todo

o coração te deita a benção

Miguel
Londres 12 de
Novembro de 1847.

municar-me algo da sua proverbial erudição. Nessa tarde, em ar de confidencia, disse-me:

— Está cá uma filha do Senhor D. Miguel...

— Qual delas? interroguei de subito, supondo tratar-se dalguma das seis Princesas tão formosas, quanto inteligentes e bem portuguezas, que ornamentavam as principais côrtes da Europa!

— Não é nenhuma das Senhoras Infantas, é uma filha natural, que deve ter os seus 60 anos. Lembro-me muito bem. Olhe que em sua casa, talvez haja alguma cousa a esse respeito...

— Viu-a?

— Veio aqui visitar-me.

— E que tratamento lhe deu? Excelencia? Alteza?

Como sabem, o Marquês era homem de espirito, de uma ironia cortante, como uma lamina de aço encastoadada em ouro. Descendente de uma familia de diplomatas e de academicos, de guerreiros que embainhavam as espadas, para as substituirem pelo espadim do serviço palatino, respondeu-me as seguintes textuais palavras:

— Tenho dado tanta Excelencia a filhas de tendeiros, que não tive escrupulo de dar Alteza á filha legitimada de um Rei...

A frase define o homem...

No dia immediato fui jantar com os Condes de S. Martinho, no palacio de Santa Helena. O Conde era um grande em tudo, na illustração cuidada e segura, na generosidade de animo, na honradez e no caracter, maior do que o seu grandissimo nome.

Chamava-se Ascenso de Siqueira Freire de Sousa Chichorro e Abreu Cardoso Campos Castro Calvos Cerniche Pita de Magalhães e Meneses! Um nome que é o tombo genealogico de uma geração inteira!

Tambem fôra visitado e pagára a visita a D. Maria de Assunção. Indaguei do tratamento.

— Alteza ou Excelencia?

— Alteza achei muito. Excelencia muito pouco! Minha Senhora! Minha Senhora...

E' que os escrupulos puritanos do Conde de S. Martinho excediam a ironia acomodaticia do Marquês de Penalva...

Coube-me a vez de cumprimentar D. Maria de Assunção, que me recebeu na casa da rua de S. Bento, conjuntamente com os seus hospedeiros o sr. Belarmino Antunes Alves, sua esposa, sobrinha de José Luis da Rocha, e suas filhas, gentis meninas, talvez hoje avós, pois já lá vão mais de vinte nove anos...

Achei a infanta bastarda uma grande dama, com um grande ar natural, simples, sem affectação. Era alta e forte, mas elegante, com uma cintura fina, apesar da sua idade e do seu *embonpoint*, tendo notaveis semelhanças com a Rainha Dona Maria II, sua prima coirmã, á face da natureza e até da legalidade, pela legitimação paterna.

Vivia em Roma, em honesta pobreza, com uma pequena pensão do Instituto Português de Santo Antonio; mas frequentava o Vaticano, sendo estimadissima do Papá Pio IX e do Cardeal Antonelli, secretario do Estado, bastando esta circumstancia para se lhe abrirem as portas da aristocracia romana.

Tinha um fraco, coitada!

Ambicionava ser recebida como Princesa de Portugal, o que nunca conseguiu.

Diz-se, o que não afaço, que, para obter a honraria, chegára a solicitar o auxilio do proprio Rei D. Luis.

Fosse como fosse, o seu trato era amabilissimo. Beije-lhe a mão, como é de uso ás senhoras illustres ou venerandas, e estribado no exemplo do velho Penalva, dei-lhe Alteza *tout court*, do que ella gostou muito e a mim não me custou nada...

João Franco Monteiro.

DR. MANUEL BARBOSA

Clinica geral

CONSULTAS ÁS 4 HORAS

R. DO OURO, 191

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

NACIONALTelefone
C. 2049HOJE-Grandioso sucesso-HOJE
-SEGUNDA REPRESENTAÇÃO-
da peça em 3 actos, original de
- - - SOUSA COSTA - - -**FREI SATANAZ**Interessantissimo entrecio - Es-
plendido desempenho dos prin-
cipais artistas da companhia -
- - - Magnifica encenação - - -**EDEN - TEATRO**EMPRESA HENRIQUE BARREIROS, LIMITADA
COMPANHIA DE REVISTAS DE ANTONIO DE MACEDO DE
QUE FAZ PARTE O ACTO R NASCIMENTO FERNANDESO maior éxito do dia! O único triunfo
verdadeiro! A querida, popular e eterna
revista**TIC-TAC**O impagavel MALANDRÚ por Nas-
cimento Fernandes. - A TRISTA FEIA
por Adelina Fernandes -**QUE É? QUE É?**A MULHER DAS COMPRAS por
Deolinda Macedo. - O MAXIXE
por Elisa Santos e H. Chaves -O CENSO por Augusto Costa - AS MODAS
por Zulmira Bettencourt, Angela Barros e Ema
Polónio - O TALASSA por Artur Rodrigues
PREÇOS POPULARES**VESPERA DE NATAL**

HOJE - às 21,15 - HOJE

TEATRO APOLO

ULTIMO SABADO

GATO POR LEBRE

ULTIMA REPRESENTAÇÃO

Dia 28: É O LEVAS...

Sapataria Contente, L.^a**THE CLARK SHOE**

Deseja muito boas festas aos seus amigos

RUA DO CARMO, 74

DR. ARBUÉS MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS ÀS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.^o**ECOS DA REUNIÃO DO "TERRASSE"****Leal da Camara**esclarece a sua intervenção no comicio dos "novos"
e responde a Almada Negreiros

Publicamos abaixo uma carta do sr. Leal da Camara, nosso amigo e artista ilustre, que se refere ainda ao comicio dos Novos e dos Velhos, no Chiado Terrasse. Fazemo-lo por consideração por todas as partes e, neste caso especial, pelo signatario. Mas não desejamos dar uma extensão, que nos vai parecendo demasiada, a um acontecimento que não tem, se não de longe, referencia com a Arte. Desejamos por nossa parte finalizar.

Sr. director.—As impertinencias que me dirige o jovem Almada Negreiros, no *Diario de Lisboa*, e que só pude ler ha bocado, são a consequencia de eu ter aceitado fazer parte de um comicio que defendia a causa dos Novos, isto é, uma causa á qual o jovem Negreiros está tão intimamente ligado.

Aceitei, devo dizê-lo, por simpatia pessoal por alguns daqueles que pertencem a esse grupo de Novos e por cujo talento e seriedade eu tenho verdadeira admiração e também, na illusão de servir, tanto quanto possível, de traço de união pelo facto de não ser nem muito novo nem muito velho, e de não pertencer a nenhum agrupamento artistico. Pensava propôr uma plataforma que resolvesse um conflito desagradavel entre artistas de justa reputação, e que são apodados de *Velhos*, e os representantes desta moderna geração literaria e artista que poderia colaborar com o seu juvenil talento na logica evolução das Belas Artes em Portugal.

Não responderia, claro é, ás novas impertinencias do jovem Negreiros e que são o seguimento das que ele proferiu inconvenientemente no dia do comicio e nas circunstancias que todos presenciaram, se não fosse a acintosa fôrma como esse jovem pretende desvirtuar, o que é muito feio em meninos da sua idade, a minha attitude para com o orador que falou antes de mim, o senhor dr. Raul Leal. Só por consideração por este cavalheiro e para informação do publico que não assistiu ao comicio, me vejo obrigado a explicar os factos com absoluta precisão.

Ficará combinado com os organizadores do comicio que eu seria a ultima pessoa a falar a fim de apresentar uma plataforma que consistia na organização de um grande *Salon* onde velhos e novos concorressem com as suas obras e que seria uma verdadeira parada das forças aguerridas das hostes das Belas Artes.

Esta plataforma deveria provocar uma moção, resolvendo o comicio. Em vista do verdadeiro *charivari* que se levantou na plateia, durante a leitura do discurso do sr. dr. Raul Leal, *charivari* composto de gritos, de gargalhadas, de palmas e bravos indisciplinados e de berros reclamando *bis!* e contra o que não protestou o jovem Negreiros, os organizadores vieram propôr-me a troca de ordem nos

oradores e pediram-me, instantemente, que tomasse immediatamente a palavra a fim de tentar conseguir tirar a impressão, de resto injusta, que tinha produzido o discurso do sr. dr. Raul Leal e reconduzir o espirito do publico á razão de ser do comicio, então ameaçado de terminar no meio da hilaridade que não deve ter sido esquecida dos espectadores do Chiado Terrasse.

Foi nestas melindrosas condições que avancei para o palco sendo recebido pelo publico com a cortezia a que estou felizmente acostumado mas quando ia dizer as primeiras palavras indispensaveis á missão de que me encarregára e que era fazer ver que o excelente discurso do sr. dr. Raul Leal merecia mais attenção e continha ensinamentos e mesmo uma altura filosofica dignos de uma criteriosa conferencia, o jovem Negreiros interrompeu-me, obrigando-me a responder-lhe.

Segui falando, constantemente interpellado pelo mesmo jovem, até que me vi forçado a interromper o meu discurso para fazer notar ao irrequieto auditor que eu o escutára com attenção e cortezia durante o seu discurso, apesar de não ter gostado dele.

E assim pude continuar no uso da palavra e cheguei ao fim a que me tinha proposto só lastimando que em um caso semelhante em que eu, que não faço parte dos que pretendem entrar na Sociedade de Belas Artes e só colaborei no comicio em defeza de uma ideia que se me afigura interessante e justa, me veja obrigado a defender-me a mim proprio contra os improperios de quem deveria agradecer-me.

Devo acrescentar que não pretendo de forma alguma provocar o agradecimento dos outros componentes do grupo dos Novos que se comportaram com a maior correcção e lialdade, pois se falei no comicio e defendi ideias esteticas de arte moderna foi na logica continuidade de uma propaganda a que tenho dedicado a maior parte da minha actividade artistica.

O que talvez seja para me agradecer é o eu ter atraído a minha casa o meu querido amigo Gualdino Gomes, a quem pedi para acompanhar minha familia ao comicio, na intenção, dele desconhecida, e creio mesmo que o contrariou, de o fazer presidir áquele acto, o que lhe deu a autoridade e o brilho singular que descele do fino e recto espirito de Gualdino Gomes.

Agradeço desde já, senhor director, a publicação desta carta que põe ponto final, pela minha parte, a este incidente, embora o sr. Almada Negreiros continue na intenção caridosa de se preocupar com as fitas das minhas ceroulas que, de resto, tenho sempre o cuidado de atar convenientemente com dois nós cegos.

Cria-me etc. (a) *Leal da Camara*.**Palace Hotel do Bussaco**

INSTALAÇÃO DE LUXO COM TODO O CONFORTO MODERNO

O melhor hotel de Portugal e um dos melhores da Europa. Para informações e reserva de aposentos, em Lisboa: Hotel Metropole, Francfort Hotel e Hotel de l'Europe. No Porto: Grandes Armazens Nascimento.

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia LUZ VELOSO

O mais grandioso éxito — Todas as noites —
O mais alegre e divertido espectáculo — Uma
NOITE DE GARGALHADA
A engraçadissima farça**O Novo Testamento**

Ultimas representações

Brevemente: 4.^a Récita de Assinatura
A SACRIFICADA
para reaparição da actriz Emilia d'Oliveira**POLITEAMA**

Reaparição — HOJE — às 21,30

Uma mulher sem importancia

Assombroso éxito de interpretação da illustre artista

Lucilla Simões

Quinta-feira, 28 — Récita extraordinaria

ZAZÁ Para a marcação de logares têm
preferencia os assinantes até
segunda-feira, á noiteAmanhã — 6.^a concerto de assinatura pela

Orquestra Sinfonica de Lisboa

sob a regencia de FERNANDES FAO

TEATRO SALÃO FOZ

Empresa Artur Emauz

Compagnia Otelo de Carvalho

HOJE EM DUAS SESSÕES

96 representações da
incomparável revista 96**Richinha Gata...**

Grandioso successo do graciosissimo numero

Mau, Maria!...interpretado por Antonio Gomes, da Trin-
dade, Otelo de Carvalho, Julia da Assun-
ção e coro. VARIOS PAPEIS de sensação
tambem por Laura Costa, Rosalina Sayal, Tina
Coelho, Maria Isabel, Eugénia Quintão, Mar-
tins dos Santos e mais artistas. — 2.^a feira, Ré-
cita dos autores Ernesto Rodrigues, Felix Ber-
mudes, João Bastos e Lino Ferreira.**OPERA LIRICA**A "*Thaïs*", de Massenet, no Ci-
nema Condes

Está na lembrança de todos o éxito colos-
sal obtido em S. Carlos quando ali, pela pri-
meira vez, se cantou a *Thaïs*, a deliciosa obra-
prima de Massenet. Para isso muito contri-
buiu o entrecio da opera, extrahida do roman-
ce celebre de Anatole France, o escritor ilus-
tre, hoje um dos premiados do premio Nobel.
Pois a *Thaïs* foi posta em film, com um es-
plendor desusado e toda a magnificencia des-
crita nas paginas do livro imortal e vai ser
em breve estreado no Condes, continuando a
série de esplendidos films de arte cujo ex-
clusivo de exhibição foi para aquele cinema
adquirido a peso de ouro.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Séde em Lisboa -- RUA DO COMERCIO

CAPITAL SOCIAL Esc. 48.000.000\$00

CAPITAL REALIZADO Esc. 24.000.000\$00

Agencia em Lisboa -- CAES DO SODRÉ

RESERVAS Esc. 26.000.000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança,
Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Évora, Extremoz, Fa-
malicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Miran-
dela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoia de
Varzim, Régioa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila
Real e Vizeu.**FILIAIS NO ESTRANGEIRO** — PARIS, Rue du Helder, 8; LONDRES,
27, B. Thragmorton Street; NEW-YORK, 23, Liberty Street.**FILIAIS NAS ILHAS** — Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroísmo.
FILIAIS NAS COLONIAS — S. Vicente, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau,
Bolama, S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Ma-
lange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lu-
bango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Mo-
cimbique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Inglesa), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia,
Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomenda-se as filiais deste Banco no Brasil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal. Correspondentes nas principais localidades do Continente
e ilhas Adjacentes e em todas as Cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, opera-
ções de Bol'sa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paises do mundo.

“MOI ET L'AUTRE”

Algumas reflexões intimas

Em que se debatem interpretações extravagantes sobre as cousas deas do passado

por NORBERTO DE ARAUJO

Cheguei a casa extenuado, e afundei-me num pobre cadeirão verde-outono que no meu gabinete de trabalho deixa a nota rara do *dolce far niente*. Era noite, e pelo caminho de certa quinta até ao meu terceiro andar vieram sempre comigo aromas de baunilha seca e um travo acre de loureiro desnudado, que puzeram a minha alma em sensações de frescura, e encheram a casa toda de um sentido pagão e misterioso, que obriga a pensar. Passados momentos eu comparecia deante de mim proprio, emquanto o fumo azul tergiversava em fantasias de linha esvelta. E' a hora propicia em que do jornalismo exgotante se passa para a literatura do jornalismo, que não é ainda a literatura estilizada dos livros mas é mais alguma coisa do que a prosa cansada, esteril, especulativa das paginas estereotipadas, que hão de satisfazer a pupila ardente e viciada dos milhares de leitores — que se limitam a ler.

Os retratos dormiam todos. As creanças nos retratos, mesmo essas, habituadas a dormir de braços ao longo como nadadores, dormiam quietas. Só um ou outro retrato de mortos — sorrie acordado. Os mortos não dormem. Um candieiro de azeite de trez bicos, navio desmantelado neste mar de electricidade, nos oceanos sonambulos do petroleo, a um canto de um marmore — sonha com Manoel Bernardes. Um reposteiro, comido pela luz até dar andrajo de luxo servil, cai romanticamente, como uma saúde de amor, que não pode recommear. E enquanto o cigarro se exgota como as inspirações dos debeis ou a popularidade dos cabotinos, o meu companheiro, outro eu espirital e incoerente, espera. Eu tenho certa repugnancia. Ele então desafia:

— Pois então conversar eu contigo, como o *Moi* e *l'autre* de Claretie, não será a mesma coisa que escrever uma crónica, deixando até uma cadeira livre para o comentador tomar assento, e corrigir?

— Pois é... — fiz eu negligentemente.

— Tu estás um desiludido!

Indignei-me. Acordaram as coisas adormecidas. Retorqui: Qual historia! Se eu estou cheio de illusões, de esperanças. Se a febre não ultrapassa 39 graus e eu tenho a certeza de que ele não me queimará nunca! O outro fez-me calma: que tivesse juizo e um sentido prudente da realidade. Então sentei-me de novo.

— O jornalismo é uma amante, com todo o seu cortejo espirital de prazeres e de illusões desfeitas.

— Mas assim, não o compreendo eu. Eu quero um jornalismo proveitoso, regular, assiduo como um emprego comercial.

— Então faz-te trabalhador da imprensa! Calamo-nos. Senti que o meu companheiro pronunciara uma asserção de pessimo gosto, que pode levar longe em metier de critério de classe e trazer sensaborias. Respondi-lhe:

— Não se deve viver assim, meu velho. Não ha necessidade de irritar ninguém. Que diabo! Somos todos iguais.

— Isso é covardia. Não somos iguais tal. Alto, direito, farripas sobre os olhos, uma circulação de olheiras no ambito das orbitas tristes, o meu companheiro voltou as costas ao meu cadeirão verde, e puxou da estante giratoria um livro de acaso.

— Que andas tu agora a ler? Michelet?

— E' verdade.

— *La femme*? Para quê? Tu queres estudar a mulher depois de velho?

— Para ver se está certa...

Ele leu alto:

— Jeunesse et printemps ce n'est que vert, et toujours vert; mais nous, les gens de l'automne, nous sommes de toutes les couleurs.

— Isso não é Michelet. E' madame de Sévigné. De resto — musica. Não exprime nada. Eu vejo tudo cor de rosa.

— Basofias!...

E ironisou-me. Ficou a ler de si para si, sorrindo, enquanto eu acendi e fumei um terceiro cigarro.

— Falemos dos nossos dias; é melhor.

— Todos os dias são nossos, respondi eu. Os dos nossos pais e os dos nossos supostos avoengos. A historia só existe porque nós a temos. Antes de nós, por consequencia não houve nada.

— Muito bem... E' quasi Herodoto. De modo que as glorias portuguesas do passado é a nossa miseria de hoje que a alimenta...

— E então? — fiz eu.

Ergui-me. Ia ter occasião de brilhar:

— Nós não fomos nada gloriosos senão no mal. A historia portuguesa não tem uma pagina de abnegação, de lisura. E' tudo Luis XI, tudo Alexandre VI, tudo Filipe II, tudo D. João II. Nós fomos uns canelhas!

— O quê?!...

O meu companheiro deixou os livros; aproveitou a minha aura de palavreado e roubou disfarçadamente o meu lugar, afundando-se no cadeirão. Avançou para os meus cigarros. Eu entusiasmado, proseguí:

— Sim! Sim! O unico periodo serio da nossa historia é este, e de hoje. Pobres, desgraçados, idealistas, romanticos. Perdidos! Mas só agora dignos de nós. Os nossos politicos de ha cincoenta anos a esta parte morreram pobres. E' mentira! Não fazemos uma politica de ladrões. Os republicanos enxovalharam a monarquia com epitetos vis de ladroagem. Maus foram todos os herois, os conquistadores, os reis, os estadistas desde Ourique á Carta. Se não ladrões sempre, velhacos, ambiciosos, covardes, torpes, pelo menos. Houve um ou outro santo nesse interregno. Nun'Alvares, o Mestre de Aviz, D. Sebastião.

— D. Sebastião?... Tu estás doido!

— Esse. Casto e idealista. O unico que morreu pela sua castidade e pela sua loucura ideal. Tu queres ouvir?

— Já agora fala.

— O que torna difficil a vida portuguesa presente é ansia de governar bem, de cumprir o preceito democratico da casa de Aviz. Governar com o povo e pelo povo. Se quizesmos governar como dantes, sem assembleia, sem parlamento, sem ordem, sem liberdade, sem direito — era facilimo! Atravessamos um periodo de isenção, e se nos degladiamos uns com os outros é que os nossos antigos o tomaram inevitavel. Isto da Brasileira e de Chave de Ouro é uma herança. A sífilis salta tres gerações. O jacobinismo de hoje poupou D. Maria II até D. Pedro V, começou a aparecer em D. Luis e hoje só nos valerá o hidrargirio de uma suposta intervenção estrangeira.

— Que cigarros fumas? Ah! Isso é do tabaco.

— Não trabalhamos! Pudera. Vivemos sempre á custa dos outros. Primeiro as conquististas aos mouros, depois a Castela, depois á Africa, depois á India, depois ao Brasil. As naus da prata, do ouro e da pimenta é que fizeram isto: a libra a 63\$00. Hoje não temos nada mais que as sementes oleoginosas. Sim. Tu não nos querás acusar, a mim e ao Seculo XX de termos deixado perder o Brasil e a India. Foram eles, os antigos, as nossas glorias!!

— Estás bonito!

E levantou-se tambem. Ficamos de braços cruzados em diante do outro.

— Atiramos bombas? A gente atirou sempre alguma coisa, pedras, setas, bombardas. Olha a graça agora atirmos bombas! Dantes andavamos em constante guerra, quando não foi com os mouros foi com Castela, e se transitoriamente havia paz com o visinho, perseguiamos os bispos ou faziam os sobrinhos e os filhos guerra aos tios e aos pais. A nacionalidade vem de um conflito entre mãe e filho. Seguiram-se as aventuras de amor em que se criaram lendas e heroínas a punhal. O sobrinho matou o tio em Alfaroqueira, e até que surgiu novamente onde dar pancada, bater,

roubar, pilhar — matarmo-nos uns aos outros. Cunhados, irmãos, primos. A Africa, a India, as caravelas o Brasil — tudo sangue. 1640, a guerra pela altivez do caracter integro. D. João IV mata os parentes e depois — Espanha. D. Afonso VI, D. João VI, D. Miguel tudo igual: quando não guerreamos com o visinho guerreamos uns com os outros. Ha quatro anos fomos para a França, porquê? Por imposição dos nossos compromissos...

— E então? não foi?

— Foi. Mas por imposição tambem dos nossos proprios compromissos de desordeiros. Ir fazer sangue seja onde for.

— Tu calas-te! Tu estás *en ivresse*...

E zangou-se.

— Desculpa — fiz eu. Tu no fundo és igual a mim. Compreendes isto.

— Isto é a tua estilização de vida do homem desde que o mundo é mundo.

— Então, pronto! Não digam que nós estamos agora excepcionalmente indisciplinados. A verdade é que somos maus porque as passadas glorias nos envenenaram o sangue, estamos pobres porque os antigos não souberam ser ricos...

Como a sala estava cheia de fumo, fui abrir a janela. Entrou a vibração humida da madrugada, de mistura com aromas muito pronunciados de eucalipto e rosas bravas. O meu companheiro, encostado á mesa fragil onde repousa um falsissimo Tanagra que eu não dou por fortuna algama, meditava.

— Olha esta noite! Que tragedia se adivinha daqui! Os pobresinhos sem roupa, os agilos sem chauffage. A neblina corta-se, á face.

— Deixa lá a noite! Continua a ser sincero. Fecha a janela, que está frio, e enfia-te outra vez no comodismo do teu cadeirão burguez. Deita mais carvão na braseira. Dá cá outro cigarro. Falemos de mulheres.

— Não sei falar de mulheres. Sei pensar da Mulher.

— A unica coisa que elas não fazem nunca em relação a nós. Tu és um sentimental fóra da Verdade e do Tempo.

— Enganas-te. Tem coragem. Tu és tal qual eu sou. Tem coragem! A mulher é a razão da existencia, aquela a nossa, a unica, a tal com um M grande a que tu te referias há tempo no teu livro.

— E que está sempre longo, sempre perdida...

— Perdida? Não existe! Nunca existiu. E se ás vezes parece ter beleza, ter graça, encanto, ternura que é a flor desse encanto, é que nós, eu, tu, nós todos os bons e os raros teimamos em dividir com ela aquela porção divina de bondade e de beleza com que Deus nos dotou. Como certos astros, elas não têm brilho proprio. Concordas?

— Talvez... Estás hoje impossivel. Isso foi desgosto. Senta-te aqui, a meus pés, no tapete. Ah! Faz quentinho! Dá cá um livro. Lê o meu *Michelet*. Para mim, puxa-me daí um Camilo qualquer. O papel é bom e o tipo é grande. Tenho o sono nos olhos.

— O *Santo da Montanha*...

— A ideia do amor como ela a formava, era um extremo de meiguices desconhecidas. Fôra preciso amá-la brincando...

— Lê para ti. Mas olha que essa de desculpar os crimes de hoje com as glorias e grandezas do passado... Cá me fica...

Dois minutos depois estavam ambos, eu e o outro, a dormir.

Norberto de Araujo

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL ESCUDOS 9.000:000\$

SÉDE — AVENIDA DA LIBERDADE, 12
LISBOA

COMITÉ DE PARIS — RUA LAFAYETTE, 11
PARIS

FABRICAS

EM LISBOA (Lisbonense — R. de Santa Apolonia
Xabregas — R. Direita de Xabregas)

NO PORTO (Lealdade — R. Costa Cabral
Portuense — Poço das Patas)

DEPOSITOS GERAIS

EM LISBOA — Rua Direita de Xabregas

NO PORTO — Campo 24 de Agosto, 31

Os tabacos d'esta Companhia encontram-se á venda em todos os estancos do país.

Serviço especial de exportação das marcas em uso no Continente e de outras exclusivamente destinadas ao consumo das colonias.

Os pedidos de tabaco para exportação devem ser dirigidos á séde da Companhia.

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

Chá das cinco

Os sapatos novos

A mais pequena creança é muito maior do que Deus — porque Deus se faz voluntariamente pequeno para tornar enormes todas as creancinhas.

Vespera de Natal, veio hoje á tona de meu espirito, mar de incertezas, a recordação dum dito infantil proferido, já lá vai um ano, pelo Joséito — quatro primaveras fulgurantes que uma doirada morte escoltiada por serafins conduziu ao céu. As lagrimas que o pequenito deixou no mundo são hoje sorrisos de saudades a sublinhar, a graça precoce dos seus conceitos quasi profundos.

Já lá vai um ano. Eu conto a historia e juro-lhes que a escrevo a sorrir.

Os olhos scintillantes do Joséito preguntaram interessadissimos no momento de se fecharem para dormir:

— Diz, mamã! Que sapatos puzeste na chaminé? Os novos?

— Não, meu filho, os de trazer por casa. Bem sabes que o menino Jesus não gosta de creanças vaidosas.

O pequeno, discordou, num amúo:

— Os sapatos velhos! Jesus vai pôr lá brinquedos que já foram de outros meninos.

— És tonto! Dorme! Dorme!

O Joséito fechou os olhos, mas não dormiu. Jesus, os sapatos velhos e a previsão de maus brinquedos, pesavam-lhe no espirito. Pequeno dissimulador, fingiu um sono calmo. E mal se sentiu sózinho, saltou do leito, procurou os mais lindos sapatos e pé-ante-pé, aos apalhões pelos corredores, foi colocá-los no local do preceito, ao lado dos que sua mãe lá collocara.

Quiz retroceder para a camita. Espicçou-o uma curiosidade menina de ver Jesus e o carro enorme em que ele devia transportar tantos bonitos, tantos...

Sentou-se. Adormeceu ao fugir dos primeiros minutos. E de um sono tão profundo que a mãe, dando por falta dele quando se lembrou de ir ver se a roupa estaria bem conchegada ao seu corpiño, o ponde transportar para o leito sem que desse acordo de si.

— Geladinho! Que horror!

Acordou manhã baixa, o Joséito.

E quiz-se vestir imediatamente e poz a casa em dobadora e conseguiu os seus fins.

Uma vez em pé, arrastou a mamã até á cozinha, num alvoroço:

— Mamã! Vamos ver o que me trouxe o menino Jesus.

Na chaminé, em cima dos sapatos velhos, repousava de rodas para o ar, em posição de vítima de atentado ferroviário, um luxuoso comboio de corda.

O Joséito bateu palmas, riu, rejubilou.

Mas de repente... lembrara-se da viagem nocturna, o pequenito, e constatava que os sapatos novos não estavam onde os tinha deixado. Sacudiu-o uma aflição. Nervoso, muito nervoso, muito triste, inquiriu:

— Mamã! Tu sabes dos meus sapatos novos?

— Levou-os Jesus para dar a um menino que não tinha que calçar.

Joséito ficou mudo uns segundos.

Depois, numa interrogação em que havia alguma dor, disse assim:

— Mas porque é que o menino Jesus, em vez de brinquedos, não traz sapatinhos novos para dar a todos os meninos que andam descalços?

Sarmiento Duque

O preço do tabaco e dos fósforos
vai subir?

A fim de poderem ser atendidas as reclamações de aumento de salarios dos manipuladores de tabacos e de fósforos, dizem-nos que vai ser elevado o custo destes dois produtos. A comissão de melhoramentos do pessoal dos tabacos voltou hoje á secretaria das finanças, para tratar do assunto.

O director da Aeronautica Naval
demite-se

Foi assinado o decreto exonerando a seu pedido, de director dos serviços da Aeronautica Naval, o capitão de fragata sr. Afonso de Cerqueira.

UM CONFLITO TEATRAL

LUCILIA SIMÕES E TITO ARANTES

A ILUSTRE INTERPRETE DA "CASA DE BONECA"
ENTREVISTADA PELO "DIARIO DE LISBOA" AFIRMA:"Zanguei-me porque o autor dos "Emigrantes" devia ter fé em mim,
na minha palavra, na minha amizade"

Cinco horas! Profunda melancolia da tarde. Cai lá fóra uma bruma triste. Na sala a luz coada pelas sédas rosadas bate nas rosas de inverno, frias e transparentes, pétalas de Séures delicadas, donde se evola um perfume leve. Depois faz resplandecer mais longe o oiro dos cisnes que parecem conduzir a Recamier, triunfantemente, através o salão, pisando os Arraiolos, numa carreira vertiginosa. Ah, a imaginação!

Tudo parece quieto na sala quente e perfumada — o piano mudo ri com todos os seus dentes claros. Nas estantes os livros mostram o dorso precioso e raro, onde se condensam maravilhas do pensamento. E — capricho pueril — uma boneca de Saxe, encastoadada em sédas Pompadour e paniers de point de France, sorri, voltando a cabeça num gesto cheio de coquetismo.

Num sofá moderno, comodo, docil, duas senhoras conversam. Estão longe da luz. Mal posso vê-las. Uma está decerto em sua casa. Os cabelos loiros caem numa ondulação larga sobre a nuca. A outra tem enterrada até aos olhos vivos uma toque pequena, emplumada, graciosa.

E' esta quem fala:

— Encontrei-os numa praia. Eu tinha pela mãe uma tão grande simpatia! Conhece-a? Não a acha encantadora? Apresentou-me o filho. Confesso que ao principio o julguei uma creança. Estou a vê-lo, inquieto, inteligente, calção quasi infantil... E leu-me a sua peça. De começo só vi nela o meu papel. Depois com a reflexão, encontrei-lhe pequenos erros, que até grandes autores riscam, e juntos, com entusiasmo, procurávamos a verdade. Queria levar a sua obra na minha reaparição. Mais tarde a Empresa não julgou as coisas como eu.

«O publico precisa vê-la numa peça consagrada, o publico tem o direito de exigir de nós uma obra admirada, aplaudida. «O publico», o nosso querido tirano...»

E eu, com a confiança que me habituára a ter com Tito Arantes, disse-lhe a verdade. Não julguei que o ia ferir. Era tão natural!

E Lucilia aperta as mãos num gesto seu, sorri, e é adoravel assim, na meia obscuridade da sala, onde parece navegar a Recamier conduzida pelos cisnes doirados através os tapetes esparços...

— «Os Emigrantes» iriam a seguir á peça que a Empresa escolhera. Eu tinha o direito até, de a levar na minha festa artistica, e dizia-lhe isto tão contentel Achava para um moço autor, um debutante na scena, um principio de carreira brilhante. Mas não o pensou assim, Tito Arantes. Disse-me que tinha o direito de duvidar da minha palavra. E eu zanguei-me.

E Lucilia aperta os labios, vê-se que ergue as sobrançelhas sob as penas da sua toque pequena.

— Zanguei-me, porque Tito Arantes devia ter fé em mim, na minha palavra, na minha amizade. Dai uma revolta minha que não me impediu de estudar com amor o meu papel,

nem de o representar tal como o faria se houvesse entre nós a mais terna intimidade.

Lucilia cala-se, olha a sua interlocutora. Passa no seu rosto um assomo de revolta, depois sorri de novo e continua:

— A primeira representação foi ruidosa. Amigos do autor, indiferentes, todos se agitavam numa inconcebível inquietação. Porquê? Alguem avisara Tito Arantes a que não se aproximasse de mim, se por acaso agradecêssemos juntos as naturais ovações feitas a um principiante. Mas ele desprezou esses conselhos, e talvez arrebatado pelo som longinquo da Gloria, estendeu-me a mão, que eu recusei. Fui então insultada. Houve senhoras gordas em pé, que me ameaçaram, murros fechados, homens que me interpelaram, com frases deploráveis. E nos corredores, pelos camarotes, esboçaram-se conflitos.

A sala estava quasi vazia quando ouvi uma voz forte gritar — fóral fóral mulher indigal! Curiosamente curvei-me para a plateia.

— Quem me chama — mulher indigal? — E um senhor respondeu-me, batendo no peito, convicto — «Eu, o Cortês!» Era o talentoso autor da Zilda que me fazia tal descortezia...

E Lucilia ri-se, ageita de novo a toque guerreira.

Ha risos na sala Imperio, onde ainda ha pouco se discutia com calor e simpatia a tão falada Zilda que, se bem me recordo, Emílio Arantes atacou com absoluta convicção — Oh! Como tudo passa depressa!

E a prova está nas rosas que se desfolham, num doce ruído, perto da lampada cor de rosa.

E Lucilia retoma a palavra:

— Continuei a representar o meu papel — conscienciosamente — não como o autor pretende — com o temor de estragar a minha carreira — mas porque fui lial com a Arte, e com ele, desde que o vi pela primeira vez, simpático, vivo, de calção...

E Lucilia volta a enterrar até aos olhos claros a toque de penas. O seu sorriso é sempre encantador. Fala serenamente, como eu serenamente conto. Seriam tão faceis as fantasias!

E, subitamente, ergue-se. Parece mais alta, esbelta. De que cor são os seus olhos claros?

Agita-se no salão pequenino que enche com a sua presença encantadora. O piano continua a sorrir, e até, oh fantasista a Recamier puxada pelos cisnes doirados parece querer substituir a carruagem que a espera lá fóra.

Cheira a flores de inverno, a perfumes exóticos. No relógio de marmore batem sete horas.

Sete horas! Como Cendrillon e todas as suas companheiras fantasticas, Lucilia deve partir. Ei-la envolta na capa escura. Descem até aos olhos as penas do seu chapéu pequenino. A porta abre-se, fecha-se, e desaparece na penumbra da noite fria, singelamente, ela que encarnou ha pouco o genio luminoso de Oscar Wilde.

PROVEM OS DELICIOSOS BOLOS DO



CHIADO, 30

Tel. 210-C.

UMA FIGURA QUE
DESAPARECEUO ENTÉRRO DE
ANSELMO
BRAAMCAMPOS RESTOS MORTAIS DO
ILUSTRE BIBLIOGRAFOFICARAM DEPOS-
TOS NUM COVALDO CEMITÉRIO DOS PRAZERES
AS HOMENAGENS

Enterro modesto, o de Anselmo Braamcamp Freire. Na sege funeraria dois padres; a urna recoberta com a bandeira da Sociedade de Geografia. E' a unica homenagem que é aceita pela familia do morto. Não ha flores. Uma palma, que era conduzida pelos vereadores da Camara Municipal, não chegou a entrar o portão do palacete da rua do Salitre.

No Salitre os edificios escolares tinham a bandeira a meia haste.

Pessoas conhecidas e amigas:

D. Bernardo de Mesquita, dr. Melo Breyner, Egas Moniz, Matos Sequeira, Aurelio da Costa Ferreira, João Luis Ricardo, Jaime Atias, pelo presidente da Republica. O sr. dr. Julio Dantas, ministro dos Estrangeiros, mandou um secretario. Está doente. Apresentaram-se todos os membros da Camara Municipal da vereação em que Braamcamp Freire foi presidente.

Por expressa determinação do illustre bibliografo, o seu cadaver não será depositado no jazigo de familia, mas sim depositado em simples coval nos Prazeres.

No cemiterio organizaram-se os seguintes turnos:

Primeiro turno — Representante do sr. Presidente da Republica, sr. Jaime Atias, e membros da camara municipal da vereação a que o extinto presidira.

Segundo — Representantes da Academia de Sciencias de Lisboa.

Terceiro — Representantes da Sociedade de Geografia.

Quarto — Representantes do governo (secretarios), secretario do governador civil e o sr. Gonçalves Teixeira.

Quinto — Representantes da mesa da camara dos deputados, do senado e da camara municipal de Lisboa.

Sexto — Sociedade de Propaganda de Portugal e socios da Cruzada Nun'Alvares Pereira.

Sétimo — Srs. Antonio Andreia, Veloso Salgado, Cupertino Ribeiro, general Vitoriano José de Cesar, drs. José de Figueiredo e José de Padua.

Oitavo — Srs. Rangel de Lima, Antonio Marques de Freitas, Almeida Moreira, Baltazar Teixeira, Mario Azevedo Gomes e Antonio André Ferreira.

Nono — Alunos e representantes da Albergaria de Lisboa e comissão de beneficencia de S. Mamede.

Decimo e undecimo — Parentes do morto;

Dirigiu o funeral o sr. barão de Almeirim.

No cruzamento das ruas 10 e 13 do cemiterio dos Prazeres foi aberta uma sepultura, onde ficaram depositos os restos mortais de Anselmo Braamcamp Freire.

Mais tarde será erigido ali um jazigo que perpetuará a memoria do illustre bibliografo.

Junto do coval discursaram os srs. dr. Almeida Lima,

em nome da Academia das Sciencias; Vicente d'Almeida

Ega, pela Sociedade de Geografia; Leal de Matos, pela

Albergaria de Lisboa, e Agostinho Estrela, pela Camara

Municipal de Lisboa.

A bordo do "Carvalho Araujo"

Festa de homenagem ao comandante
e imediato

A guarnição do «Carvalho Araujo», que se tem conservado fora de toda a politica e intrigas revolucionarias, prestou ontem uma sincerissima homenagem ao comandante e imediato daquele navio. A chegada a bordo dos srs. capitão de fragata Branco Martins e capitão-tenente Cisneiros de Faria, os officiais, estado menor e praças ofereceram-lhes os seus retratos e ramos de flores, tendo sido elogiada, por parte de officiais e praças, a maneira patriótica como eles se tem sabido conduzir.

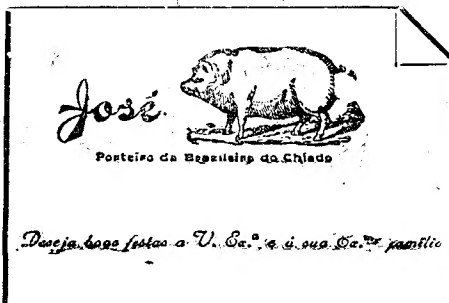
O capitão de fragata sr. Branco Martins agradeceu, comovido, a sentida homenagem da guarnição do «Carvalho Araujo» ao seu comando. Em nome da guarnição, falou um marinheiro, jurando que ela jámais se deixaria iludir pelas palayras de certas pessoas que pretendem subir á custa da marinha, estando disposta a dar a sua vida para bem da Patria e da Republica.

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTASUM PEDIDO QUE
SE DEVE ATENDERONZE ANOS À
PORTA DA
"BRASILEIRA"O LEITÃO, O CONHECIDO
PORTEIRO DO "CAFÉ",PEDE AOS SEUS
FREQUENTADORESQUE HOJE, NOITE DE NATAL
SE LEMBREM DELE

Foi hoje, de manhãzinha, quando a cidade ainda estava envolta no seu manto de neblina e no céu este palido sol de Natal se recortava numa hostia de mau fabrico, que o Leitão, aquele homensito tristonho, macambusio, de «bonet» com metais e fardamento da casa, que tem por mister policiar a entrada da Brasileira do Chiado, se chegou ao pé de nós e, numa reverencia, nos fez entrega do cartão de visita que a seguir reproduzimos e que representa uma quasi regressão á idade dos hieroglifos:



Depois, Leitão, como que justificando o seu procedimento, ajuntou:

—O senhor compreende. Ha onze anos que estou aqui á porta. Tenho trabalhado muito! Pois só agora é que me lembrei de fazer isto...

—E quantô é que ganha?
—Uma vergonha. Não digo...
—Ora vamos lá...
—Dois mil réis por dia! Não ponha lá na da no jornal. Uma vergonha...
—É mais nada?
—Mais nada...—rematou o Leitão, triste a valer com a evocação dos seus amargos de boca.

* * *

O Leitão já a estas horas deve ter distribuido os seus cartões de Boas Festas por todos os *habitués* da Brasileira. Estes, na sua maioria, são leitores do *Diario de Lisboa*. Estas palavras não lhes devem passar, pois, despercebidas... Que se lembrem dele, hoje vespera do Natal e que, á noite, quando forem engorgitar o café com que preluíam a tradicional *meia-noite*, contribuam para que o Leitão tenha as suas horas de fartura, de felicidade. O pedido, a lembrança, não esquece, não é verdade? Pois já sabem que, logo, nos encontraremos nessa manifestação de auxilio ao unico empregado da Brasileira que, entre aquela chusma de criados por vezes chorudamente gratificados, tem passado despercebido á generosidade da clientela.

* * *

Lembramos aos nossos leitores, nesta noite e para o dia de amanhã, os pobres empregados dos electricos que, jungidos ao travão ou ao saco do dinheiro, dão a impressão de serem as unicas pessoas neste mundo que não têm familia. Mas têm!

Que todos lhe dêem sem ser a titulo afrentoso, o troco das notas, para na hora propria eles, á roda da sua mesa, se lembrarem dos impertinentes fregueses que eles dizem que nós todos somos...

O NATAL
e os funcionarios publicos

Tendo o governo determinado que os ordenados dos funcionarios publicos fossem pagos antes do Natal, a tesouraria do ministerio das finanças no Banco de Portugal esteve hoje á cunha durante algumas horas, espalhando-se ainda os interessados pelas dependencias e em volta do edificio do Banco.

O AMOR E A AVENTURA

OS GATUNOS DO AVENIDA PALACE

O "DIARIO DE LISBOA", POR CURIOSIDADE JORNALISTICA, ENTREVISTA O INGLÊS JOHN L. BERNARD

A historia de uma vida, uma amante em plena desilusão, e as visões
explendidas da Alexandria

Leitor, estamos no governo civil, gabinete do agente Eugenio Tavares, em frente do sr. John Lamly Bernard, 36 anos, cara rapada, «cachecol» azul e um grande ar de quem correu as sete partidas do mundo. John Bernard foi preso no Hotel Avenida Palace, juntamente com os seus companheiros Gilbert Astor e Harry Jetus, a pedido de uma rapariga francesa, de nome Mary Masse, que viaja ha um ano com John Bernard.

John prometeu casamento a Mary Masse. O casamento não se efectuou, a prometida viagem de nupcias ficou também em promessas e Mary recebeu de Paris alguns cortes de jornais franceses, em que o inglês era apontado como um perigoso gatuno internacional. Em traços largos, é esta a historia progressa da aventura de John Bernard e Mary Masse.

O *Diario de Lisboa*, mercê da gentileza do chefe Eugenio Tavares, ponde conversar, na pessoa do seu redactor, com John Bernard, que fala um francês muito nevoso de Londres.

—John, onde nasceu?
—Em Londres.
—Em que se emprega?
—Sou negociante de cavalos.
—Representa alguma casa inglesa?
—Represento a minha casa; 37, Sackville Street, London. Yel, 4684, Regent.
—Dizem que é um jogador exímio de *poker*?

—Sim, jogo o *poker*.
—E Mary Masse, joga também?
—Oh! ela é uma jogadora exímia. Mary Masse apresentava-me aos jogadores com quem travava conhecimento...
—E' uma rapariga honesta, ou uma *demi-mondaine*?

—Oh! *La première demi-mondaine de Paris*. O que digo eu? *La première demi-mondaine du monde!*

—Onde a conheceu?
—Na Italia.
O chefe Tavares faz uma observação.

John responde:
—Quero conversar consigo, mas sósinho. Sorá possível, leitor, que John Bernard esteja na disposição de confessar tudo?
O jornalista pergunta:
—Porque se hospedaram no Avenida Palace?

—Porque toda a gente se hospeda no Avenida Palace.

—Saiu de Paris por ter questões com a policia?

—Sim. Fui posto na fronteira por indesejavel.

—O que é que o tornava indesejavel aos olhos da policia?

—Não sei.

John sabe, mas não quer dizer, não lhe convém dizer.

—Para onde seguiu depois?

—Para Amsterdam.

—Com Mary Masse?

—Sim. Tomámos o *Zeelandia* para Lisboa.

—Onde conheceu Harry e Gilbert?

—A bordo.

Voltámos a falar do *poker*. Em cima da secretaria estão os dados, um baralho de cartas e um *rapa* de marfim, um *rapa* que deve dar todas as vantagens ao banqueiro.

—Isto é seu?

—Palavra de honra que não é meu. Eu jogo o *poker* com lealdade.

—Ha quanto tempo viaja com Mary Masse?

—Ha um ano.

—Ela também é indesejavel?

—Sim! Muito indesejavel...

John Bernard tem uma cicatriz na cara.

—O que foi isso, John?

—Uma scena que a rapariga me fez no hotel. Apontou-me um revolver... Queria á viva força que eu fosse com ela para Alexandria...

—O que foram fazer á Italia?

—Viajar. Gosto do sol da Italia. Estive em Napoles, em Veneza, em Florença...

—Mary acompanhou-o sempre?

—Sim!

—Esteve em Espanha, ouvi dizer...

—Oh! Em toda a Espanha. Antes da guerra. Estive lá seis anos.

—Não esteve no *front*?

John tem uma hesitação. John não quer confessar, mas o jornalista adivinhou já que ele não esteve no *front*.

—Mary Masse denunciou-o á policia. Porquê?

—Porque queria ir para o Egipto e eu não; quero ir para a minha casa de Londres.

—Acusa-o de lhe ter roubado uma nota de 500 francos...

—E' mentira!

—Mas foi á agencia Cook trocar essa nota?

—Fui, para ela. Entre mim e ela tudo acabou—*tout est fini*!

—Há quem diga que o John é australiano?

—Não! Não! Inglês, de Londres. Fui para a Australia de pequenino.

—E depois...

—Tenho percorrido quasi todo o mundo. Estive em Berlim, em Viena, em Paris, em toda a parte...

—Sempre negociante de cavalos...

—Negociante e viajante. Gosto de viajar.

O jornalista poisa os olhos na tatuagem

—uma estrela, talvez a sua boa estrela—que John tem no pulso.

—?

—Foi na China. Mary Masse volta a interessar o jornalista.

John mostra-nos a carta que ela lhe escreveu, numa elegante caligrafia inglesa.

Ai ficam algumas frases:

—Depois da nossa chegada a Lisboa, sinto bem que representas uma comedia comigo.

Podiamos ser tão felizes na Alexandria ou em Napoles... Porquê, tanto mistério? Ha quatro dias não dizes senão mentiras... A tua attitude não é «chic»... Queres ter a coragem de me confessar tudo hoje?

Leitor, ai fica a historia curta de John e de Mary Masse. Resta acrescentar-lhe alguns periodos transcritos dum jornal francês que está nas mãos do chefe Tavares:

... A segurança geral acaba de proceder á prisão de varios malfiteiros estrangeiros...

Entre eles encontra-se um inglês de nome James (?) Bernard, que se instalou num grande hotel do quarteirão da Estrela... conhecido de todas as policias da Europa... Jogador exímio de *poker*... expulso da Suissa, depois da Italia...

E para terminar, John Bernard foi interrogado pelo dr. Paiva Leren. Não tinha cigarros. Pediu um cigarro. O juiz esqueceu-se do massô em cima da mesa. Escusado será dizer que quando voltou o massô tinha desaparecido...

N. L.

FESTA DO NATAL

E' hoje noite de festa no Maxim's, sendo servido um magnifico «souper». Quasi todas as mesas do restaurante estão reservadas. Realiza-se um lindo baile e exibem-se numeros de variedades de surpreendente efeito. Amanhã repete-se a festa e ha novós numeros.

Os Teatros

Atrás do reposteiro

O critico teatral Cristovam Aires, filho, concedeu a sua tradução da peça francesa «Mon Home», para o repertorio que Rafael Marques vai levar ao Brasil.

—Está batendo o «record» das enchentes, no Porto, representando no Aguia de Ouro, a companhia Alves da Cunha, que mantém em scena a peça «A Garga».

—Parece que poucos entraves terá mais a administração da companhia Lucilia Simões para a organização da sua «tournée» ao Brasil. Aqueles artistas do seu actual elenco que não puderem ir ao Brasil serão substituidos por outros.

—Ainda não entregaram as suas propostas á em presa do Politeama, para a ida ao Brasil com Lucilia Simões, os artistas Brunilde Judice da Costa e Ribeiro Lopes.

—A companhia de revistas de António Macedo, que acciona no Norte, está ensaiando no Porto a revista «Trólaro». Nos dias 29, 30, 31 do corrente e 1 de Janeiro, vai dar espectaculos a Braga, regressando depois ao Aguia de Ouro.

Hoje, segundo uma velha tradição, não haverá espectaculos em nenhum teatro do Porto. Amanhã, porém, todos eles realizam recitas de tarde e á noite.

—E' a seguinte a distribuição da peça «Zázi», que no dia 28 sobe á scena no Politeama:

«Zázi», Lucilia Simões; «Anais», Lucinda Simões; «Simone», Alda Rodrigues; «Clairette», Maria Amalia; «Tété», Rebelo de Almeida; «Floriana», Maria Côrte Real; «M. Dufresne», Maria Alagôa; «Natalia», Rosa Cerca; «Julietta», Elvira Costa; «Liseron», Laura Lino; «Bernard Dufresne», Erico Braga; «Adolfo Cascado», Ribeiro Lopes; «Bussy», Seixas Pereira; «Dubuisson», João Lopes; «Malardot», Lino Ribeiro; «Lartigon», Brásio Gamba; «Dudon», Augusto Conde; «Michelin», Jorge Sousa; «Le Canes», Carlos Alves; «Courtis», João Guerra; «Martin», Ricardo Cástanheira; «Augusto», Sampaio; «Adolfo», Guerra, e «Um sujeito», Sousa.

—A assembleia geral dos sociarios do teatro Nacional, para eleição do novo administrador, deve realizar-se ainda esta semana. O empresario Luis Galhardo vai deixar igualmente a administração, de que se incumbiu, da companhia Palmira Bastos.

—Ainda este inverno entrarão em franca actividade, além da «Invicta Film», as novas empresas cinematograficas «Portugalia» e «Lusitania».

—Têm sido feitas pela direcção do Avenida Parque varias concessões de terrenos no Parque Mayer para a exploração de diversas empresas recreativas.

—O principal papel feminino da peça «O Centenario», que vai entrar em ensaios no Nacional, será desempenhado pela actriz Ilda Stichini.

—A peça «Sacrificada», para estreia, no Terrasse, da actriz Emilia de Oliveira, deve subir á scena ainda esta semana.

—A direcção artistica e os ensaios da opereta «A Moreninha», de D. José Paulo da Camara e Ema de Oliveira, a subir á scena no S. Luiz, são do actor-ensaiador Armando de Vasconcelos. O guarda-roupa é fornecido pela Empresa de Materiais de Teatro.

RECLAMES

Nacional — Realiza-se hoje a 2.ª representação d

peça «Frei Satanaz».

Politeama — Volta hoje á scena a peça de Oscar Wilde «Uma mulher sem importancia».

Avenida — E' hoje definitivamente que se despede a opereta «Uma viagem á China».

Apolo — A revista «Gato por lebre» faz hoje as suas despedidas.

Eden-Teatro — Continúa a sua carreira a popular revista «Tic-Tac».

Salão Foz — Vai hoje á scena a «Bichinha Gata» que amanhã festeja a sua centesima representação.

Chiado Terrasse — Em breve será retirada de scena a farça «O Novo Testamento».

Coliseu dos Recreios — A companhia de circo dá hoje um magnifico espectáculo e amanhã realizará dois soberbos espectaculos.

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectáculo.

Nacional — A's 21 — «Frei Satanaz».

S. Luis — A's 21 — «Jardim de Aspázia».

Politeama — A's 21,30 — «Uma mulher sem importancia».

Avenida — A's 21,30 — «Uma viagem á China».

Apolo — A's 21,15 — «Gato por Lebre».

Chiado Terrasse — A's 21,30 — «O Novo Testamento».

Eden-Teatro — A's 20,30 e 22,30 — «Tic-Tac».

Salão Foz — A's 20,30 e 22,30 — «Bichinha Gata».

Coliseu dos Recreios — A's 20,45 — Grande compa

nhia de circo.

Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «O remorso».

Teatro dos Anjos — A's 20,30 — Quintas, sabados e domingos — «O homem macaco».

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).

Cinema Condes (Avenida da Liberdade).

Salão Central (Praça dos Restauradores).

Salão Ideal (Rua do Loreto).

Salão da Promotora — (Ao Calvario) — Aos domingos, segundas, quintas e sabados — Animatografo.

Tapioca "VATEL"

O importante problema da colonização de Angola

A emigração de portugueses para os países estrangeiros terminará quando os emigrantes se convencerem de que podem facilmente adaptar-se ao clima dos planaltos de Angola e quando o Estado lhes oferecer as garantias economicas indispensaveis

Uma palestra com o sr. dr. Oliveira Santos, governador da Lunda

Começa agora a ser conhecida dos portugueses a nossa provincia de Angola. Vai-se desvanecendo a pouco e pouco a ignorancia das nossas colonias, ignorancia que constituia um dos maiores entraves ao seu desenvolvimento e á sua floração economica e financeira. A obra de propaganda colonial ha muito usada no estrangeiro com excelentes resultados pelos países que a consideraram indispensavel para o enriquecimento do seu patrimonio colonial, foi intelligentemente iniciada entre nós pelo general sr. Norton de Matos, illustre Alto Comissario de Portugal em Angola.

Com essa propaganda, consegue-se que o país inteiro se interesse e esteja continuamente ao facto do que se passa nas nossas possessões ultramarinas. E isto, embora os que não querem vêr pretendam inutilmente refutá-lo, é duma vantagem enorme para todos os que nasceram sobre o solo português.

Cada cidadão, uma vez reconhecedor do que se passa no Portugal de além-mar, inteirado dos problemas de mais urgente solução para o engrandecimento do patrimonio que nos legaram os nossos antepassados e habilitado pela leitura de opiniões autorizadas e insuspeitas a apreciá-las e a discutí-las, contribue quasi sem dar por isso, nas suas conversas de dia a dia, para tornar conhecidas de Portugal as colonias portuguesas.

Já apresentámos aos leitores do *Diario de Lisboa* o dr. Oliveira Santos, governador da Lunda, que para aquele distrito parte a reassumir o seu cargo em principios de Janeiro, a bordo do *Beira*.

Desnecessario é, portanto, riscar mais uma vez os traços da sua figura varonil e moça e repetir que as nossas colonias muito teem a esperar da energia invulgar de que dispõe e das suas raras faculdades de trabalho, movidas por uma intelligencia que, tendo sido muitas vezes posta á prova, soube sempre triunfar sem trepidações.

O que é indispensavel afirmar, é isto: o dr. Oliveira Santos teve enjeito de apreciar a acção do general sr. Norton de Matos em Angola, no tempo em que o illustre official ainda não occupava o alto cargo que a Republica, por intermedio do Parlamento, lhe confiou.

Sem paixões, sereno, desassombrado, tem sempre a mesma resposta decisiva e sincera, quando a curiosidade do jornalista lhe pede o seu modo de ver acerca dos patrioticos empreendimentos do Alto Comissario.

—O general sr. Norton de Matos é um espirito completo de organiza-

dor. Nunca deixou de vencer nas lutas em que se empenha.

Esta apreciação sobria, diz muito mais das qualidades do supremo magistrado de Angola do que um elogio longo.

Pois o jornalista encontrou ontem novamente, num «restaurant» da cidade alta, jantando tranquilamente, o dr. Oliveira Santos. E conversou com

de forma, parte da conversa e o mais que pudessem apurar.

—Outra entrevista?! — indagou, «bon enfant», Oliveira Santos.

—E porque não?

—Quem me mandou prometer-lhe continuação!... Emfim... Deve ser a ultima, porque dentro de pouco tempo estarei já longe.

—Angola tem hoje a favor da sua futura prosperidade a propaganda, a todos os respeitos interessante e pa-

gente pretende. Depois ha ainda a considerar as condições climatericas, as condições e natureza das coberturas vegetal e animal que são função daquelas, dentro de certos limites, é claro, o grau de civilização das populações, a sua densidade, etc., etc.

—Mas dentro desse criterio não é facil ou antes não é possivel subordinar-se a resolução de todos esses problemas a uma unica acção de conjunto?

—Como? Não julgo isso praticavel. Bem vê: os caracteres geomorfologicos, por exemplo, do distrito do Quanza-sul, são absolutamente distintos dos mesmos caracteres do distrito do Cubango. Os caracteres climaticos e geomorfologicos do distrito do Quanza-norte são inteiramente diferenciados dos do distrito da Lunda. As regiões planalticas da Huila, de Benguela, de Mossamedes e da Lunda podem ter as mesmas condições de vida que teem as baixas depressões e planicies das bacias hidrograficas do Cassai, do Quanza ou do Cuango? Evidentemente que não. As regiões estereis e secas do extremo sul podem comportar resoluções dos mesmos problemas que as regiões férteis e constantemente cortadas por linhas de agua, como sejam o Congo, o Quanza, a Lunda no extremo oposto?

Bem vê que não.

—Nesse caso poderia emitir a sua opinião sobre cada um desses problemas?

—Daríamos materia para algumas centenas de entrevistas ou artigos e ainda ficaria muita coisa para dizer... Creio mesmo que, enquanto não for feita a carta geologica de Angola, nada se poderá afirmar com inteira segurança sobre a solução de alguns problemas de caracter regional.

—Pode, porém, dizer-nos alguma coisa sobre as questões que considera mais importantes, mais palpitantes, de maior actualidade...

—Podia responder-lhe com o mesmo raciocinio, começando desta vez pelo fim: as questões que mais interessam Angola andam intimamente ligadas. Têm entre si uma absoluta inter-dependencia, uma perfeita relação de conexão. Portanto, todas elas podem considerar-se palpitantes actuais, de interesse immediato e urgente.

—Nesse caso vou apresentar-lhe um tema restricto. O que pensa do problema da colonização dos planaltos de Angola?

—Sobre a colonização já se tem escrito bastante. Existe uma bibliografia, alvitres, artigos de jornais, ideias, opiniões, etc., etc. E' este um dos problemas que tem interessado muita gente e que ha de continuar a interessar, creia-me. Eu penso que a



Oliveira Santos

ele durante uns minutos, a proposito de nada e de tudo. A certa altura a palestra derivou para assuntos coloniais. Todos nós temos tendencia para encontrar involuntariamente a ponte de passagem que nos conduz á conversa mais predileta. E assim succedeu com o capitão Oliveira Santos. Primeiro comentou coisas já ditas, encarou fugidamente aspectos já apresentados, enriquecendo-os, dando-lhes côr, demonstrando que conhece a fundo a provincia de Angola e muito especialmente a região de que é governador. Depois manifestou com entusiasmo e sem fatuidade, a sua vontade de trabalhar sem quebrantos, ao lado do Alto Comissario, cooperando com ele na medida de todas as suas forças, para o ressurgimento da porção mais rica do nosso patrimonio colonial.

Assaltou nesta altura o jornalista o desejo profissional de pôr em letra

triotica, das inestimaveis riquezas que o seu solo pode produzir. Oxalá a imprensa não desanime e continue na acção eminentemente util que se propoz praticar, trazendo ao conhecimento de todos, as possibilidades economicas e as riquezas minerais daquela nossa riquissima colonia. Angola está positivamente em foco.

—Desejava que me falasse sobre a forma como deve ser solucionado o problema de Angola e...

—Já outro dia lho disse: entendo que não ha o chamado problema de Angola a resolver. Entendo que ha varios problemas a resolver em Angola. Compreende que a extensão da provincia de Angola, a sua situação geografica, a latitude e a longitude em que está abrangida, são elementos que não podem alhear-se da resolução dos problemas e que não permitem que esses problemas tenham uma solução unica como muita

PARA O RESSURGIMENTO DE PORTUGAL

O Estado e a exploração de minas de diamantes

As missões catolicas e as missões protestantes---A superioridade da acção das primeiras sobre as segundas --- Os lucros do Estado na exploração mineira estão já hoje garantidos --- Ha que trabalhar ainda muito para o engrandecimento da provincia de Angola

O que pensa o nosso entrevistado da remodelação administrativa

fixação e propagação do povo europeu em climas africanos requere um trabalho de estudo previo, consciencioso e profundo sobre se o colono europeu pode ou não produzir trabalho util nas regiões proprias, isto é, considerados como adequados em Africa, sem depreciação sensível da sua robustez fisica e sem degenerar o tipo da raça. Ha opiniões que sustentam que sim e outras que afirmam o contrario. Creio, pelos estudos feitos que nas regiões planalticas de mais de 1:500 metros seja possível a aclimação de europeus sem prejuizos. Ai as condições deprimentes do clima já não se fazem sentir de forma a termos de recear esses perigos. No planalto de Huila, como sabe, já trabalham alguns milhares de colonos portugueses, ha alguns anos, sem que tenham sofrido os inconvenientes e as violencias dos climas tropicais.

«Depois, o português é dotado de uma grande resistencia fisica que lhe permite uma adaptação com relativa vantagem naquelas regiões. No Brasil, nos Estados Unidos, na Argentina, nas Sandwich e noutras terras para onde o português habitualmente emigra, não encontram os emigrantes melhor clima, pode crêr. Além disso, em Africa não só estão em terra portuguesa como até podem estar em terra que seja propriedade sua. E o que se dá em Huila, dá-se em Benguela, Malange e Lunda.

Ha ainda outro estudo previo a fazer: provar ou não se a colonização agricola dos planaltos afastada do litoral tem vantagem economica. Aqui tem v. já o problema de colonização amarrado ao problema dos caminhos

de ferro e da navegação fluvial e maritima. Está tudo ligado. Depois desses estudos, que considero prévios — e também assim pouco mais ou menos os consideram os sr. Pereira do Nascimento e Alexandre de Matos — depois desses estudos prévios, dizia eu, ha que cuidar da obra de assistencia por parte do Estado que pode manifestar-se de varias maneiras, mas que considero desde já indispensavel ás condições de preparação do colono, que, por via de regra, emigra sempre em más condições economicas. Temos o papel das missões...

—Entende então que a colonização exige um estudo previo e que esse estudo...

—Sim, esse estudo deve ser aquele que lhe indiquei.

—E depois...

—Depois é seguir o melhor metodo conhecido de colonização que possa despertar no europeu o desejo de emigrar para Angola, sendo sempre preferivel o da chamada colonização livre; posso desde já assegurar-lhe que Angola tem regiões absolutamente aptas á colonização do nosso povo, sem esses perigos que muita gente receia.

—E sobre o papel das missões religiosas?

—O papel das missões é importantissimo e exige o maior cuidado. Olhe, na Lunda, por exemplo, funcionam três missões: uma catolica, ao norte, na região do Loremo e duas protestantes, de origem americana, nas povoações indigenas ao sul do distrito, nas margens do Cassai. A primeira exerce simultaneamente catechese, educação agricola rudimentar e instrue em português. 40 % ouro sobre os lucros liquidados e a faculdade de realizar emprestimos anuais dentro de 20 % dos lucros liquidados, podendo mesmo realizar agora um emprestimo de maior vulto. Além destas vantagens outras conseguiu o illustre Alto Comissario de Angola. Os diamantes da Lunda constituem uma fabulosa riqueza.

—Considera então um perigo essas missões?

—Evidentemente. Mas o sr. general Norton de Matos é cauteloso e sabe ver os perigos a tempo.

—E sobre a riqueza mineira que há dias abordámos levemente?

—Ai tem outro assunto para uma serie de entrevistas. O Alto Comissario deu já um passo gigantesco na parte que interessa ao Estado. Pela situação creada pelo sr. Norton de Matos, o Estado tem já um papel diferente e muito vantajoso. E, por assim dizer, socio da Companhia. A Companhia dos Diamantes da Lunda faz suprimmentos financeiros por conta dos lucros e uma participação de 40 % ouro sobre os lucros liquidados e a faculdade de realizar emprestimos anuais dentro de 20 % dos lucros liquidados, podendo mesmo realizar agora um emprestimo de maior vulto. Além destas vantagens outras conseguiu o illustre Alto Comissario de Angola. Os diamantes da Lunda constituem uma fabulosa riqueza.

—E o que me diz sobre a nova divisão administrativa de Angola?

—Conheço-a ainda mal. Deixe-me, porém, dizer-lhe desde já que a passagem da administração militar dos três distritos do interior a administração de natureza civil pode trazer a muita gente a convicção de que foi talvez abreviada de mais. Mas é preciso confiar no Alto Comissario, que sabe bem o que está a fazer. Quanto á sub-divisão dos distritos penso que ela há de ser ainda maior para uma melhor resolução dos problemas em que me falqu no começo desta palestra e que eu lhe disse reclamar um estudo aturado e tão regional quanto possível.

FRANCFORT HOTEL

Rocio, 30---LISBOA

140 quartos, modernizados e confortaveis. Especialmente recomendado para familias.

HOTEL METROPOLE

Rocio, 20 LISBOA

Conforto moderno. Um dos melhores hoteis de Lisboa. Recomendado pela Sociedade de Propaganda de Portugal.

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ

SÉDE: Rua Aurea, 175 a 191 --- LISBOA

DIRECÇÃO:

José Francisco da Silva
Manuel Maria Augusto da Silva Bruschi
Henrique Augusto Ferreira

SUCURSAIS:

PORTO --- Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO --- Banco Portuguez do Brasil

Telegr.: PROCOLONIA — Telefones: C. 5220-5221

Capital autorizado: Esc. 100.000:000\$

Capital emitido: Esc. 10.000:000\$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUEZA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectu todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no país e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

SAPATARIA GARRETT



94, RUA GARRETT, 94

AO HERPETOL



Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelência para todas as moléstias da pele, entre elas eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardência na pele e as causadas por mordeduras de insectos. Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmácias e nos depósitos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

VERSOS

"Natus est Jesus"

Iluminura dum missal antigo)
por Cardoso Martha

I

Um pórtico, ao entrar duma villa arruinada,
villa dalgum patrio exilado ou ausente,
dá p'ra um colunário em volta a um átrio assente
sob um ceu oriental de cúpula estrelada.

N'um recanto do átrio, em palhas reclinada,
uma criança dorme e sorri brandamente;
á sua beira, a mãe, perfil suave e orente,
como em adoração, imóvel, ajoelhada.

Olhando a mãe e o filho, há ainda um homem novo:
pasmado e surpreendido—alma rude do povo;
ageita a palha a um, sorri á outra afável.

Aquece um boi c'o bafio o menino deitado;
e um jumentinho, atraz do bérço improvisado,
compõe a iluminura ingénua e adorável.

II

Nisto, fulge no ceu uma estrela mais clara;
apelam-se ao portal três moços cavaleiros;
segue-os um esquadrão de pagens e guerreiros;
trazem diadema e veste extravagante e rara.

E enquanto cada um dos três reis se prepara
para dar a Jesus seus presentes primeiros,
—oiro em dobras, incenso e os mais suaves cheiros—
desce ali seu clarão a estrela que os guiara...

Batem anjos na sombra as asas silenciosas;
num roseiral silvestre abrem-se a medo as rosas
e até o arrulhar dos pombos bravos cessa...

Parece que adivinha a sábia natureza
que naquela criança, humilde e indefeza,
expira o mundo antigo e outro mundo começa...

CARDOSO MARTHA

Natal dos humildes

por Maria de Carvalho

Vago clarão de brazeira
Quasi extinta... E' noite velha.
E na modesta lareira
Um sapatinho pousado,
Junto do abano e da grelha,
Acorda um mundo ignorado...

A doce alminha, que sonha
Numa criança mimosa,
Aparece-nos risinha
No sapatinho inocente...
Alma pura e luminosa
Que nos revela o que sente.

Adivinha-se a doçura
Dum lar pobre, honesto e forte,
Onde a mulher dá ternura,
Onde o trabalho enobrece
E o homem não perde o norte
E se escuta a voz da prece.

Vê-se um filho pequenino
—Um anjo loiro ou trigueiro—
Um sorriso do Destino,
Que Deus afaga e consente
Que sorria o dia inteiro
E faça sorrir a gente...

Natal... Clarão de brazeira
Quasi extinta... E' noite velha.
E na modesta lareira
Um sapatinho encantado,
Junto do abano e da grelha,
Acorda um mundo abençoado...

Dezembro—1921.

Maria de Carvalho

PANCADA, MORAES & C.^a

Prata, ouro, moedas e notas de todos os países, coupons nacionais e estrangeiros, vencidos e a vencer
: : : : compra aos melhores preços : : : :
RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. S. Julião)

ROUBOU UM THESOUR



GARANTIA

Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edifício próprio)

Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921

Esc. 7.973.798\$76,3

Capital — MIL CONTOS

(Inteiramente realizado)

EFECTUA SEGUROS:

Terrestres,

Agrícolas,

Industriais,

de automoveis,

Trespases,

Marítimos e minas

— Seguros de vida —

AGENTES:

José Henriques Totta, Ld.^a

Banqueiros

Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

S.I.C.

Os melhores
chocolates, cacaos,
bonbons e drops

Pedir sempre os
chocolates

S. I. C.

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRAÇÕES
E CRUTELAS
para todas as

LOTÉRIAS

Fornecer para revender

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$15 para registo

Telefone: 1.020 — CENTRAL

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51 — LISBOA

VACINAS E SOROS

MULFORD

MICROSCÓPIOS E MICRÓTOMOS

KORISTKA

APARELHOS DE
LABORATÓRIOÁLVARO CAMPOS, L.^{da}

LISBOA

PORTO

L. DUAS IGREJAS R. SÁ DA BANDEIRA

ELECTRICIDADE PORTATIL

Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira,
bastões, tarches, lanternas
para trazer na mão,
pilhas, baterias.

EFEITO SURPREENDENTE!

Descontos aos

revendedores

Remete-se para

a provincia

CASA TRIUNFO

R. Augusta, 72, 74

LISBOA



ESQUISSOS LEVES

As cinco figuras da minha fantasia

A Donatela de D'Annunzio--O pintor impressionista--As mulheres que escrevem--A tragedia classica--O minuete antigo

Na tua boca perpassam as grandes tempestades do odio e do lirismo. Ergueu-se a tua fronte ao claro sol das claras odes, que na antiga Grecia eram ritmadas pelo vento e pelo mar. A mulher desaparece. Fica a alma transparente e luminosa que se arremeça desesperada, buscando sentir o cantico das coisas no cantico que sai da sua boca e arrebatadoramente nos prende e nos subjugua. Seus braços crucificaram-se em harmonias; pelo seu corpo ogivado a musica, tem cadencias, ritmos, motivos, duma coral de sonho. Linha



que vòta é a da sua attitude; dois gritos e a sua alma chora, soluça, tomba desfolhada em pranto religioso, que não o têm os jardins nos crepusculos pallidos e sonambulas de outono moribundo. E' uma chama que arde, atizada e feroz; dos seus labios saltam mil palavras, tantas são as palavras que o universo em extase, recolhe soffrego, nos recantos das montanhas, pelo oceano fóra, como uma litania. No palco, vestida de mil luzes, o teu vestido branco é um estandarte levado por mão de virgem, talvez uma Jeanne d'Arc loura e



melancolica, de invencivel fé, caminhando para o sacrificio duma patria redimida, por uma mão que o guante de aço não imobiliza.

Assim vejo esta figura de cantora, levando na sua voz, as mil almas que a escutam. Já não é ela, a mulher; é o cantico das coisas, feito Deus pelo genio; eternidade pelo destino dos homens, que a escutam, de olhos atonitos.

Assim devia cantar, ao longo do rio, na coberta dos salgueiros, Ofelia; assim deviam cantar as sercias, cujo corpo estrelado, conduziram á India, a nossa raça; assim devia cantar aquela Donatella que, no *Fuoco de*

D'Annunzio, na sua colina toscana, arida e pallida, executava aflita a insanía do pai, emquanto lá longe, na Roma de cinzas, o poeta a esperava, já annunciada, a primavera nas flores das amendoeiras...

Magro pintor que vai com a sua paleta, os tubos de tinta e o cavalete, em busca do moderno. Tem um ar ironico em que o sonho já descamba, poluido de realismo. Viu-se um dia ao espelho, espelho de três sous e achou que a sua cara de-vegete, a sua alma de canalha, as suas melenas desgrehadas, pouzariam bem para pintor impressionista. Odeia Bouguereau, Barata Salgueiro. Todo o dia no cais, bariola a tela de cores falsas que marcham e contra-marcham em irizações feitas á tabela, numa taboleta de anuncios.

A sua maior gloria, anda pelas mesas dos cafés, na boca dos amigos. Em frente de uma boa tela, sente a ancia dos impotentes, daqueles que para suprirem a falta de talento só sabem cuspir. Manifestação de apreço, em todo caso, vamos. E' impressionista, diz ele nos cartões.

A sua gloria resume-se aos que o conhecem e são vadios como ele. A sua cara contente, grosseira de riso disfarçada em *morgue*, é, no entanto, uma mascara, mascara sangrenta, crispada de dor, que se fosse virada do avesso teria lagrimas de odio.

Não sei porquê, mas este moço impressionista, não me agrada. Passemos á outra figura.

Como opinião: tenho um desprezo infinito por todas as mulheres que escrevem. Elas



nunca analisaram a vida, nunca a chocalharam para arrancar a colera que arrebatou ou dôr que comove. Têm por secretaria o toucador; por tinta o pó de arrós; por mata-borrão a borla; por côres, na prosa, o *rouge faisny*, o *bistre* e o *violet* das olheiras.

O assunto para elas não passa dum retrato do noivo ou do amante. Uma mulher que escreve — excepções! sempre excepções! — é porque é casada e tem um amante. E, como decentemente não pode recorrer ao *Diario de Noticias*, recorre ao acrostico ou o soneto. Vejam esta figura!

A pretensão da pose; o cuidado das mãos que se quedam no papel, como num *gueridon* de *manucure*. Uma mulher que se friza, não pode ter talento. — Excepções! sempre excepções! — Oh! aquela irreverencia no escrever que nos acamarada inimigos, aquela tortura em dar a *nuance* psicologica da alma que o aparato esarteja; a frase que tem vitriolo; a imagem lavrada em filigramas de sonho, de ancia — onde está tudo isto, na figura da mulher que aí está escrevendo?

A cabeça de qualquer mulher que escreve, num corpo dum grande escritor, seria uma catastrophe. Se fosse Zolb, este nunca teria passado da sua mansarda e de molhar no azeite da lamparina, o seu e mer dum dia — meio quarto de pão...

Sim, meus senhores, eis aqui a tragedia de pé, punhal descido.

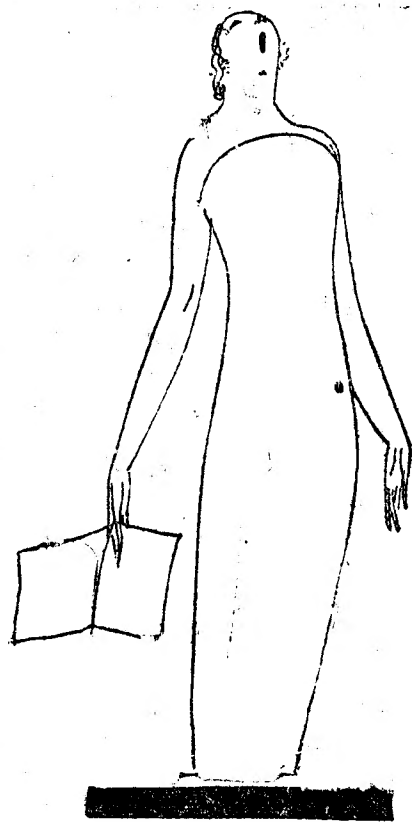
Linhas severas de toga são as do manto; cabelos desprendidos, uma mão que recua e que quer afastar o crime. Seus olhos fecharam-se e a outra mão cumpre inexoravel o destino que não soube vencer. Tem frio, muito frio; as petalas do coração tremem-lhe sob uma geada coagulante de tragedia que vai ter a sua hora.

E' num teatro; ao longe, ciprestes cinerarios, que avultam imoveis; a lua é a mascara cinica dum Pierrot; á direita, me o deitado, bebedo e brutal, um *mei* que tem por reino o seu corpo e duas levais de saltadores: o sonho e a lama. Ela caminha tão leve, que o seu andar é vôo; ergue o braço e pendem as pregas do manto; a sua mão crispa-se, apunhala...

A orquestra em baixo tem um *smorzando*

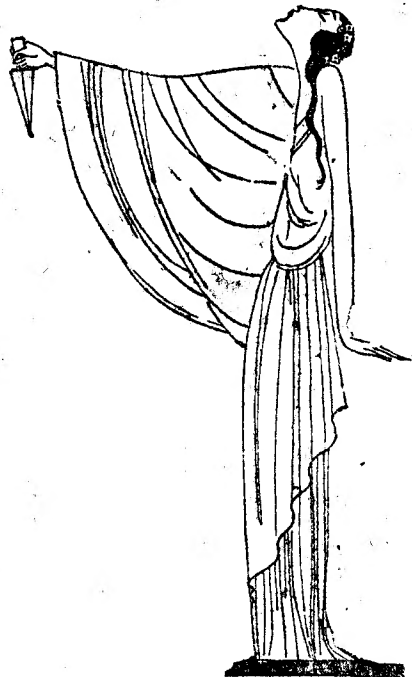
tatuas bambinescas, a executante reverenciou longamente. O seu minuete ressuscitou o século XVIII das berlindas, dos faceiras, pintalgadas de sinais no rosto, das peraltas de punhos de renda, pródigos em motetes e redondinhas.

Mas a sala, sala, senhores, revendo nos



espelhos dos tremós, a branco e oiro, as coisas já longamente contempladas, só pensou nas aventuras que ficaram pelos cantos da vida, entre rosas desfolhadas e corações cançados de tanto amar.

Só ela, ela que tocou é casta porque tocou com a alma presa aos dedos. Foi ouvindo aquela musica que ela aprendeu a rezar; foi ouvindo aquela musica que ela ainda ha pou-



co o via passar ovante, em demanda dos galgos, pelo caminho da floresta.

Ele não está ali, não, mas lá ao longe, na onda curvilinea do vento deve ter ouvido os queixumes do piano... Palmas, gritinhos de admiração... Ele vem, ele vem, não tarda...

Artur Portela

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: SANVISE-LISBOA

HOTEL de l'EUROPE LISBOA

INSTALAÇÕES MODELAES

Apartements com Sala de Banho, W. C. e Salão—Primoroso serviço de cozinha

A direcção participa aos seus Ex.^{mos} clientes que já funciona o elevador deste hotel

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"

Redacção—C. 3194

Administração—C. 3195

28



RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

LE COMMERCE INTERNATIONAL
D'IMPORTATION ET EXPORTATION, L. DA
17, Largo da Biblioteca
LISBOA

Conservas et Vinhos

REPRESENTANTES EM

BORDEAUX

PRAGA

BEYROUTH

ALEXANDRIA

PYREU

SALONICA

ANVERS

GENOVA

SMYRNA

PELAS PROVINCIAS

Em Coimbra

Dr. Lima Duque

COIMBRA, 22.—Os srs. dr. Manuel Braga e tenente coronel Brito de Almeida, da direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda, entregaram ao sr. dr. Lima Duque o diploma de socio honorario daquela importante colectividade, manifestando-lhe assim, em nome da cidade, os portentos serviços que s. ex. lhe prestou como ministro do Trabalho.

Esta demonstração de apreço e gratidão para com o illustre homem público penhorou-o em excesso.

Falecimento

Faleceu a sr. D. Maria José de Barros e Cunha, filha do assistente da Faculdade de Sciencias, sr. dr. João Gualberto de Barros e Cunha.

Iluminação electrica

Estão muito adiantados os trabalhos de instalação, para a iluminação electrica da cidade e uso particular. Pelas ruas do bairro vêem-se já colocadas nos predios as consolas respectivas, estando quasi concluidas as cabines para os transformadores.

Estrada de turismo

A Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, por intermédio da Propaganda de Portugal, vai interceder junto da Administração de Estradas, para que se conclua a estrada de Penacova ao Bussaco, ficando assim completo o Triangulo de Turismo: Coimbra, Penacova e Bussaco.

Feira dos 23

Realizou-se a feira mensal que esteve imensamente concorrida, fazendo-se importantes transacções. A cidade neste dia do mês anima-se, encontrando-se os estabelecimentos repletos de povo, desde as primeiras horas da manhã. Nos estabelecimentos de ourives, o povo da aldeia comprou muito ouro, tendo uma relojoaria desta cidade feito muito negocio.

Governador civil

O sr. Julio Ribeiro continuará no governo civil, visto não ter sido accedido o seu pedido de demissão.

Junta Escolar

A Junta Escolar de Coimbra enviou telegramas de saudação aos srs. ministros da Instrução e do Trabalho.

EMPRESA TECNICA INDUSTRIAL, L. DA

292, RUA AUREA

TEL. C. 854

Representantes da fabrica:

KIRCHNER

maquinas para trabalhar madeira

EM ARMAZENS

E A CHEGAR À ALFANDEGA

grande quantidade destas maquinas



Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA

E quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telef. C. 5430
DIFONSO DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

Sociedade Portuguesa
de Administrações

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL (Autorizado 5:000 contos
Emitido... 1:000)

SÉDE -- C. do Sacramento, 14, 1.º

Delegação no Porto

PINTO & SOTTO MAIOR — P. da Liberdade, 28

Agente Geral no BRAZIL

Banco Portuguez do Brazil

Encarrega-se da compra e venda de predios rusticos e urbanos; de rendas; de recebimentos de heranças e legados; do pagamento de impostos; da compra e venda de papeis de crédito; da cobrança de foros, tanto em Portugal como nas colonias, restantes países da Europa e no Brazil.

A PRESTAÇÕES

Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á R. Electro-Quimica, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.º

Julio Rei, Lt.ª

Ex-empregado da JOALHARIA ABREU
Joalharia, Ourivesaria e Relojoaria
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

MELHOR DO QUE BROAS...



A criada: Eu sei que a patrão me está a vêr, mas ainda que me não dê as broas, sempre é melhor um copo de BURJACAS...

DAS 5 PARTES
DO
MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES
DO
MUNDO

SOB O REGIME BOLCHEVISTA

O COMERCIO EXTERIOR
DOS
"soviets"

O que, segundo o jornal "Isvestia", a Rússia importou durante os 10 primeiros meses d'este ano

O que foi a sua exportação
IREVAL, 24

O «Isvestia» comunica que durante os 10 primeiros meses do ano corrente, a Rússia importou 35.500.000 «pounds» de diversas mercadorias, sendo 12 milhões de viveres, 11 de combustíveis, 7 de objectos metalicos, armas, etc. A Inglaterra forneceu 32,6 oio destas mercadorias, em seguida a Alemanha, America, Suecia, Estonia, Holanda, Dinamarca, Letonia, Finlândia, Lituania e a Polónia, que forneceu uma proporção de 0,1 oio.

Esta mesma nação exportou no mesmo espaço de tempo 5 milhões e meio de «pounds» de materias primas. A exportação foi feita para a Letonia 46,7 oio, Inglaterra 33,6 oio, Turquia e Alemanha.

DE BERLIM

Os estudos sobre a bacia do Sarre
BERLIM, 24

Chegaram a Saarbrücken, para estudar as condições existentes na Bacia do Sarre, três delegados do conselho da Liga das Nações: o norueguês Colban, o inglês capitão Wilkrist e o francês dr. Monnet.—(U. P.)

O desastre do Banque de Chine

BERLIM, 24

Informam de Paris que se prepara um forte ataque na camara francesa ao sr. Briand, por motivo da nova interpelação acerca do desastre do Banque Industrielle de Chine.—(U. P.)

Creação dum bispado

BERLIM, 24

O «Muenchener Zeitung» declara que têm sido infructuosos todos os esforços da França junto do Vaticano para a criação de um bispado especial na região do Sarre.—(U. P.)

Companhia Portuguesa
de Pesca

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Capital Esc. 7.200.000\$00

Rua do Aleorim n.º 19

A Direcção da Companhia participa aos Srs. Acionistas que, a partir do dia 26 do corrente, está a pagamento, por conta do dividendo do presente exercício, 6\$40 (seis escudos e quarenta centavos) por acção.

Este pagamento efectua-se todos os dias uteis, das 14 ás 17 horas, na sede da Companhia.

Lisboa, 23 de Dezembro de 1921.

A DIRECÇÃO.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SEculo, 140

AS FINANÇAS DO MUNDO

A proxima Conferencia Economica

SERÁ NECESSARIA A INTERVENÇÃO DA RUSSIA PARA
A EUROPA SE RESTAURAR ECONOMICAMENTE?

A França irá a Berlim como a Alemanha
veiu a Paris em 1870?

Em lugar dos Estados Unidos, como se esperava, será a Inglaterra quem convocará a grande conferencia economica?

Noticias recentes assim o fazem crer. Os Estados Unidos persistirão pois em se não imiscuirem nos negocios da Europa, e a reconstituição economica mundial, dependendo em primeiro lugar dum acordo firme, quanto ás reparações, a nação que tomar a seu cargo dirigir a solução do problema economico tem forçosamente de se envolver no problema das reparações, o que não poderá deixar de lhe criar atritos.

Suponhamos que os Estados Unidos convocavam a Conferencia e a dirigiam preponderantemente, como tem sucedido na do desarmamento.

Ou as nações vêm a convencer-se de que a Alemanha não pode cumprir as condições do ultimatum, ou, pelo contrario, se convencem de que a bancarrota é fraudulenta. No primeiro caso, a condição indispensavel para resolver o problema é dispensar a Alemanha de pagar, total ou parcialmente, conforme a gravidade reconhecida da sua situação. No segundo caso, as nações devem sancionar unanimemente o cumprimento do ultimatum, pela força, se necessario fôr. Assim manda a justiça.

Mas se se verifica o primeiro caso, toda a França se levantará, especialmente contra a nação que tiver mais autoridade na conferencia; no segundo essa nação levantará contra essa mesma nação a Alemanha, e ela ver-se-há muito desagradavelmente envolvida nas questões da Europa.

Qual a nação que está indicada para dirigir esta questão sem comprometer com ninguém, justa ou injustamente, a sua autoridade moral? Naturalmente a Inglaterra.

E' um crêdor da Alemanha e dos mais poderosos; tomando a direcção do problema das reparações, procura resolver um negocio seu; embora a descontento de outros interessados, se levantar más vontades, será a compensação de melhorar a sua situação e, qualquer que seja o ponto de vista como se encarar o seu papel, é afinal humano que defenda os seus interesses.

A Inglaterra deve, pois, convocar a Conferencia Economica muito brevemente.

Nela tomarão parte todos os Estados: aliados, inimigos e neutros.

Antes porém de essa conferencia funcio-

nar plenamente é necessario que a França e a Inglaterra arrumem definitivamente as reparações. Se os Estados Unidos com a sua autoridade indiscutivel e largueza de vistas se recusam a dar uma solução ao problema, mais nenhuma nação, excepto os interessados, tem a autoridade necessaria para a resolver.

De resto, as outras nações, nada poderiam fazer em tal assunto senão a complicar-lo ainda mais.

Nós crêmos que a vontade da França terá de inclinar-se e abandonar parcialmente, mas em grande parte, o valor das reparações. A Inglaterra já propôs o perdão das dividas dos aliados com a condição da França reduzir muitissimo as quantias exigidas á Alemanha. Crêmos que mais ou menos alteradas as quantias, a proposta terá de vir a ser aceite. E' um beco que não tem outra saída, a menos que a França se resolva abandonar por todas as nações, a fazer agora o que devia ter feito quando os seus exercitos caminhavam vitoriosos; ir a Berlim, e obrigar a Alemanha como a Alemanha obrigou a França em 1870.

Mas a ocasião de o fazer, passou. A França hoje não vai decerto invadir a Alemanha, o que lhe acarretaria o odio de todo o mundo, apesar das suas regiões devastadas. Já os antigos diziam que a ocasião é necessario agarrá-la pelos cabelos... A Alemanha pouco mais pagará.

Depois, reunida a conferencia, a Rússia é indispensavel á restauração economica mundial.

Ainda ha jornais em França que se levantam contra esta ultima medida, e entendem que a justiça consiste em deixar os soviets á margem das combinações mundiais. A França, depois de não assinar o armistício em Berlim, tem tido uma politica de vistas curtas, quanto a elas e quanto á economia mundial. Ainda se não convenceu de que não assinou o armistício em Berlim; encara a situação como se o tivesse feito, o que é realmente muito diferente. Enquanto a França se não resolver a aceitar a situação compenetrando-se de que não assinou o armistício em Berlim, não poderá ver a situação de alto, mas de muito alto, como se não tivesse vencido a Alemanha, e resolvê-la então de boa vontade.

Se não chegar a encarar assim a situação julgar-se-ha abandonada pelos seus aliados, quando afinal é vitima de um erro que ela propria cometeu. Então, a Alemanha teria pago.

NOTICIAS DE BUENOS AIRES

DOIS GRANDES VULCÕES
EM
erupção

Desde a cadeia dos Andes até ao Oceano Atlantico cai ha dias uma densa chuva de cinzas

Chegou o dia de juizo final?

NEW-YORK, 24

Comunicam de Buenos Aires que os vulcões Poyese e Caulle estão há varios dias em erupção. Uma densa chuva de cinzas caiu sobre a região que se estende desde a cadeia dos Andes até ao Oceano Atlantico. Os habitantes fogem para o norte cheios de panico, causado sobre tudo pela crença de que chegou o dia de juizo final. Uma corrente de lava chegou até ao rio de La Plata. —(U. P.)

DE LONDRES

O chefe dos rebeldes indios
entrega-se

LONDRES, 24

O chefe dos rebeldes Moplahs, Seethikoya Thangal, o qual proclamou o kalifado de Kurmaram, em setembro ultimo, acaba de se entregar em Kumrapothur. —(U. P.)

O chefe do Estado Maior britanico

LONDRES, 24

O conde Cavan será o novo chefe do estado maior britanico quando sir Henry Wilson resignar o seu cargo em fevereiro.—(U. P.)

O tratado anglo-irlandês

LONDRES, 24.

O Dail Eirean adiou para o dia três de Janeiro a sua decisão acerca do tratado Anglo-Irlandês.—(U. P.)

EM ARMAZEM

Motores electricos
DinamosANPERÓMETROS
E VOLTÍMETROSLampadas,
fios, cabos,
Etc., etc., etc.

John M. Sumner & Co

Sucessor

JOSE J. TEIXEIRA

29-Avenida da Liberdade, 39
LISBOA

SÉDE DO "DIARIO DE LISBOA"

Rua Luz Soriano, 48

TELEPHONE, C. 861
JOSÉ DE PINHO COSTA & C. (F.)
Especialidade em doces
e em chocolates nacionaes e estrangeiros
69, RUA DA BETESGA, 73 - LISBOA

NATAL

Um bom presente!!!

1 caixa de "CHAMPAUBRIS,"

S. MICQUOT
O MELHOR DOS CHAMPAGNES

MADEIRA VELHO

A. PEREIRA NUNES --- P. dos Restauradores, 13, porta 67

O SR. CARLOS HEITOR

O feliz a quem saiu a sorte grande:

210 contos!

anda a correr a cidade, de automóvel, distribue esmolas, compra brinquedos e faz projectos

O feliz a quem saiu a sorte grande foi o sr. Carlos Heitor, despachante de Alfandega. E' uma criatura muito simpatica e bondosa, como se vera.

Depois um belo espirito para encarar sem congestão uma felicidade tão imprevista que caiu sobre a sua vida: 210 contos no n.º 2086.

Procuramo-lo. Não o encontramos logo. O sr. Carlos Heitor na manhã de hoje foi logo procurado por cerca de cem pessoas que o foram felicitar.

Mas vamos á procura do sr. Heitor. Mora na avenida Marquês de Tomar, J. R. C., rez-do-chão. O sr. Heitor é criatura sorridente, com cerca de 48 anos e também é divorciado. Tem um pequenito, de cinco anos, que nos recebe com um grande sorriso aberto:

—O papá saiu de automóvel. Saiu-lhe a sorte grande, já sabe?

—Parabéns, sr. Heitor. Muitos parabéns. A fortuna tocou a quem devia.

Ora o sr. Heitor a primeira coisa que fez foi distribuir esmolas. Ao Bandeira, antigo despachante da Alfandega, hoje céguinho, e que tem uma cabine junto dos telefones, deu o sr. Heitor 600\$000. A felicidade do Bandeira é completa, pois o pessoal da Alfandega deu também ao cego varias cousas, roupas, carne, fruta, carvão, etc.

—Já sabemos. Entramos. Uma senhora recebe-nos e diz-nos:

—O senhor saiu. Não foi á Alfandega.
—Ele comprou o numero por palpite?
—Sim. Tinha dois bilhetes.
—Abandona o logar?
—Qual historia. Isso abandona ele.

O sr. Carlos Heitor já foi homem de fortuna. Já está habilitado a gastar dinheiro. —Foi receber o dinheiro, duzentos e dez contos, á Misericórdia, e foi logo depositar quasi tudo na Caixa Geral de Depósitos. Faltaram-lhe 500 escudos. Não sabe se foi na Misericórdia se no Banco. Deixá-lo...

—E que fez ele já?
—Deu esmolas, comprou uma arvore de Natal, cheia de brinquedos, e vai comprar mais.

—E na vizinhança, grande sucesso?
—Nada de sucesso. Não se sabe ainda. Mas quando se souber...

Nesta altura—oh aparição!—chega o proprio. O sr. Carlos Heitor está deante de nós. E' um homem igual aos outros.

—Parabéns!
—Muito obrigado. E' dinheiro. Foi um palpite.

—E agora...
—Vou continuar a viver e a trabalhar. Tenho um filho e alguns projectos. Dá-me licença?

E' quer retirar-se.
—Adeus! Apareça quando quizer! Eu também já fui das gazetas...

—Das gazetas?
—Sim.

De facto o feliz possuidor de 210 contos, em tempos miserios teve uma revista literaria chamada *Actualidade* e que, dada a sua actual situação de quasi novo rico... já não tem actualidade nenhuma...

Sociedade "Estoril"

Caminho de Ferro de Caes do Sodré e Cascaes

LEILÃO

Em 28 do corrente ás 11 horas por intermedio do agente Julio Cruz, na estação de Caes do Sodré, Lisboa, em virtude do artigo 112 da Tarifa Geral, proceder-se-há á venda em hasta publica, de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisam-se portanto os respectivos consignatarios de que poderão ainda retirar os pagando o seu debito á Sociedade "Estoril" para o que deverão dirigir-se á Repartição de Exploração, na sua Sede, Caes do Sodré, 52, 2.º todos os dias uteis até ao dia 27 do corrente. Lisboa, 18 de Dezembro de 1921.

O Director da Exploração
M. Ballo.

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses..... 9\$00
6 19\$00
12 36\$00

Para as colonias e estrangeiro accresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

A POLITICA DO NATAL

A CAMINHO DA TRANQUILIDADE

O governo está disposto firmemente a fazer eleições no dia 8 de janeiro

A Guarda Republicana deve desfilar, no dia de Ano Bom, em saudação, ante o Chefe do Estado e o presidente do Ministerio

Após estes dois ultimos agitados meses de politica, a tranquillidade renasce. Os boatos continuam, no entanto, em ondas de sobressalto, a circular nos *mentideros*, annunciando tão depressa o triunfo da politica de conciliação imposta pela força, que o governo está fazendo, como o renascer do espirito revolucionario nas baixas camadas sociais. Mas hoje, vespera do Natal, consagrada á religião da familia que encerra o verdadeiro sentido da Patria, o *reporter* que se resolveu a passar em revista os sucessos da politica, regosija-se com ter chegado á conclusão de que, com este fim de ano, começa a era de paz que todos desejamos e de que só a violencia de uns quantos fanatismos e interesses, tem contrariado o aparecimento. Assim...

Quem observe o ambiente popular que tem rodeado as varias revoluções, verificará facilmente que, de uma para outra, o seu vigor decrecece. O 19 de outubro, então, quanto a entusiasmo das massas republicanas, passou despercebido. E, neste momento, asfixiam-se com lentidão em meio da indiferença geral e do grande desejo de socego que se afirma de norte a sul, os propositos de agitação tanto daquela facção mais esquerdista do *outubrismo*, que não se resigna com a ida ao poder do sr. Cunha Leal, como os daquele grupo partidarista que reclama um regresso ás formulas constitucionais que encerra a entrega completa da força governativa a agrupamentos em falencia e a eliminação politica total de todos e quaisquer elementos que a eles sejam alheios. De parte a parte, existem intenções, mas falta entusiasmo, fé, energia, que as realizem. O ministerio, que representa o fiel da balança em cujos pratos assentam as ambições do uns e outros, realiza entretanto a sua politica meio-termo, que objectiva a resurreição da luta legalista. A opinião publica acompanha-o na realização desse *desideratum*. E quem ha aí que não se regosije com a substituição da força dos canhões pela força das inteligencias? Que se percam receios, pois, de novas lutas. As revoluções já não são possiveis — só ficam as desordens. Um golpe legalista que tentasse a reunião do parlamento dissolvido, frustraria-se em meio da indiferença geral.

As alfurjas vão deixar de usar da palavra. A colectividade não consente tal genero de bratoria. Ficam os partidos — esses partidos que, num exagero de legalismo que lhes não é habitual, iam transformando o seu espirito constitucional, num motivo de efervescencia. Mas eles, forçados pelas circunstancias, estão com o governo, apoiam o sr. Cunha Leal. Apoio leal, firme? Não. Os partidos não usam disso e ainda ha dois dias, a pretexto do preenchimento de uma pasta, tentaram fazer o vacuo em torno do gabinete. Faltou-lhes a coragem, porque eles proprios reconhecem que apenas teem a força dos directorios e dos cadernos de recenseamento. Que nem os seus filiados de maior categoria os acompanham naquelas resoluções que denunciam desacerto patriótico, demonstra-o a attitude do sr. dr. Alves dos Santos, ministro do trabalho e membro do P. R. L. que, ante a iminencia da retirada de apoio do seu agrupamento, declarou ao sr. presidente do ministerio, segundo as nossas informações, que por disciplina abandonaria o governo, mas protestando veementemente contra tal attitude. O ministerio está firme. Essa firmeza, é confirmada mais pelo apoio que recebe da opinião publica do que pela attitude de valores politicos que trambulharam a uma cotação baixa, por não saberem interpretar as indicações dela. E tanto é assim o movimento politico, que es-

tamos convencidos de que, a fazer-se o vacuo dos partidos, ao sr. presidente do ministerio não faltaria coragem para reconstitui-lo, com elementos independentes dos partidos mas filiados espiritualmente na esmagadora corrente popular que entende ter-se prolongado em demasia o periodo de consolidação do regime e que chegou o momento de trabalhar pela nação.

Ontem, afirmámos a nossa duvida quanto á realização das eleições no proximo dia 8 de janeiro. Hoje, conhecedores do que a tal respeito se pensa no ministerio do interior, podemos afirmar que o governo está firmemente disposto a realizá-las naquela data. Ha á inerência dos partidos, a apatia da massa votante... Enbora... A lei é a lei e o povo, com uma indiferença que facilite o falseamento da sua opinião, será reu desse delicto de leza-nação. E o governo? Desinteressa-se do resultado do acto eleitoral? Não. Embora garantindo a applicação da lei, o sr. Cunha Leal deseja facilitar a ida ao poder de elementos sem filiação, saídos tanto do *outubrismo* como das *forças vivas*, tocando a outras correntes, autonomas dos partidos mas que influem nos destinos do país e do regimen. O futuro parlamento terá uma maioria partidaria definida? —preguntará o leitor. O resultado das eleições o dirá, mas julgamos não andar muito longe do que se pensa no Terreiro do Pago, dizendo que o governo veria com satisfação a constituição de um forte bloco de republicanos independentes que, uma vez dentro do parlamento, facilitariam um novo arranjo partidario, mais consentaneo com a politica de tranquillidade e continuidade governativa que o país reclama.

E' em obediencia a esse pensamento, que há quem pense na apresentação, por Lisboa e Porto, de listas de republicanos independentes da maior categoria que constituam como que a representação do regime. Fugir-se-ia, assim, á impressão um tanto deploravel, de que as duas cidades constituem feudos de um só partido. Isto se pensa e possivelmente se executará, não faltando quem garanta que aos democraticos não desagradará ver substituida a representação do seu partido por um grupo de figuras republicanas, que simbolise com verdade o regime.

O periodo revolucionario está fechado. O ministerio, que apenas pretende realizar as eleições e que no novo parlamento deporá o seu mandato, mantem-se coeso e disposto a fazer obra bem republicana. Que a força armada compreende este alevantado intuito patriótico, demonstra-o a noticia seguinte, que o *Diario de Lisboa* em primeira mão fornece aos seus leitores:—a G. N. R. desfilará, no dia de Ano Bom, ante a residencia do sr. Presidente da Republica, em saudação espontanea, que abrangerá ainda o chefe do governo e os seus colaboradores. O significado deste acto é claro em demasia, para que precise de muitas palavras a explicá-lo. Ele representa a confirmação mais completa das palavras que constituem este artigo...

O administrador do concelho do Barreiro, r. João Anacleto da Silva, apresentou ontem o seu pedido de demissão ao sr. Agatão Lança, governador civil de Lisboa.

Por motivo de serviço publico, o sr. ministro do Comercio não partiu hoje de manhã para Famalicão, onde tencionava passar o Natal com sua familia.

Já tomou posse do cargo de adido militar em Paris, que acumulará com o de adido em Londres, o tenente-coronel sr. Ivens Ferraz, tendo recebido ordem de regressar a Lisboa, os 3 adjuntos que estavam em França.

BOLSA DE LISBOA

CAMBIOS DIA 24

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	60\$000	62\$000
London, cheque 90 d. v.	4 11/16	4 9/16
Rio London	7 5/16	—
Paris	\$968	\$996
Italia	\$550	\$565
Belgica	\$729	\$765
Suica	2\$381	2\$447
Espanha	1\$821	1\$872
Berlim	\$063	\$073
Holanda	4\$480	4\$605
Nova-York	12\$250	12\$587
Austria	\$004	\$008
T. Desc. Banco de Inglaterra Portugal	—	—
Agio do ouro	1\$000	1\$100

O novo governador de Cabo Verde

O capitão de fragata sr. Filipe Dias de Carvalho, que se afirma vai ser nomeado governador de Cabo Verde, tenciona partir para ali no paquete de 7 de janeiro proximo.

O provimento de cargos publicos na India

O governador da India vai enviar ao governo central, a fim de serem apreciadas e aprovadas, as propostas sobre o provimento de cargos publicos na colonia e dispensa de custas e preparos judiciais.

Lei do inquilinato

O sr. ministro da justiça apresenta para a semana o novo projecto de lei do inquilinato elaborado pela comissão nomeada pelo seu antecessor.

MONTE REAL



EM ARMAZEM

Desnatadeiras e batedeiras
Correias de couro e de balata
Atilhos, rebites e ligadores
Lubrificadores e almotolias
Vidros de nivel e anilhas de borracha
Aparelhos diferenciais
Empanques, amiantos e desperdícios

Etc., etc., etc.

JOHN M. SUMNER & C.

SUCCESSOR

JOSÉ J. TEIXEIRA

29 --- Avenida da Liberdade --- 37
LISBOA

"DIARIO DE LISBOA"

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

COLISEU DOS RECREIOS

Telefone C. 4196

HOJE — ás 8,45 — HOJE

Grandioso espectáculo em que tomam parte todas as notabilidades artisticas da

Grande Companhia de Circo

Amanhã e Segunda-feira

Surpreendentes matinées

com magnificos programas cheios de atracções e surpresas

ALEGRIA!

GARGALHADA!

ALEGRIA!